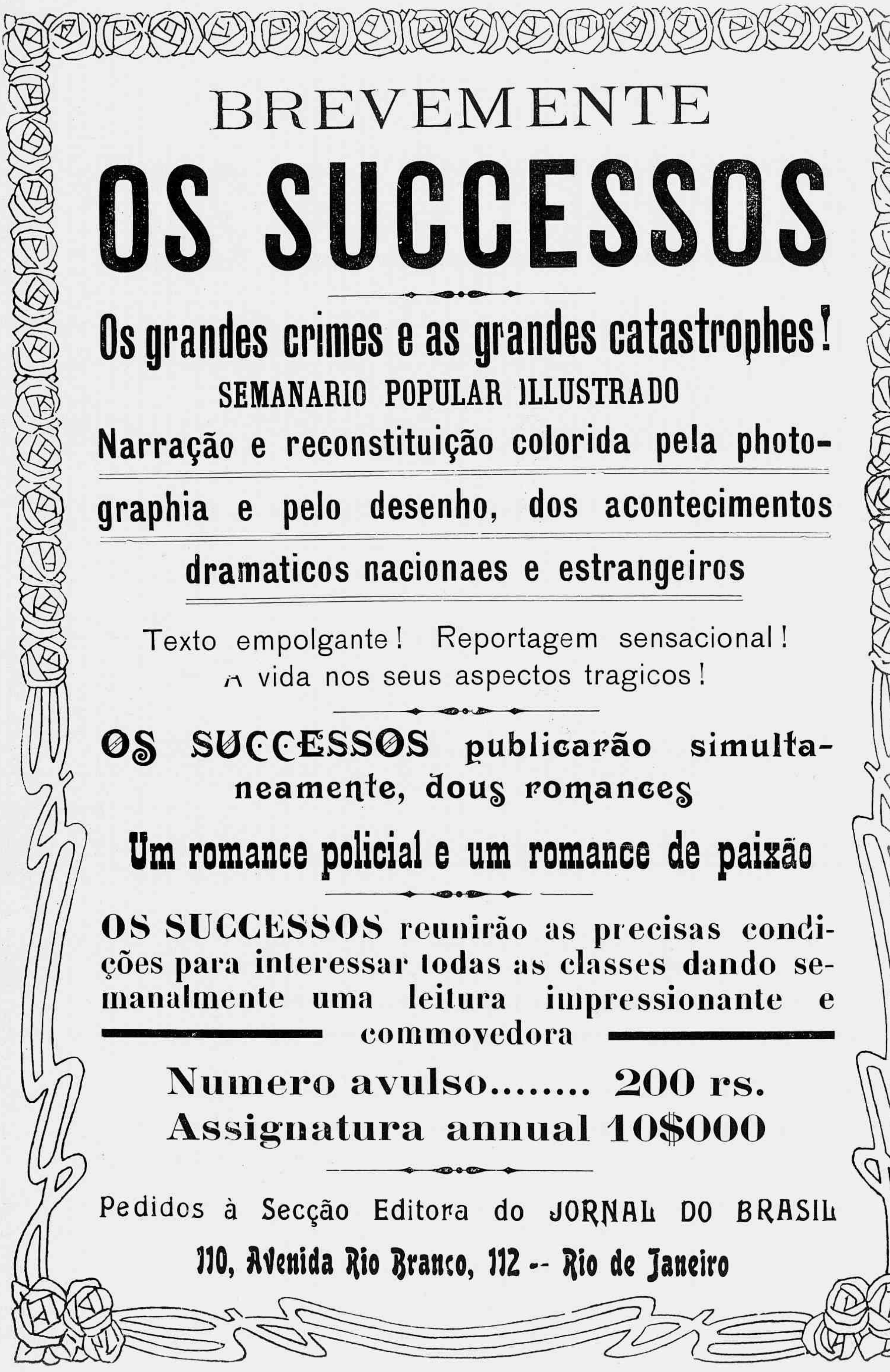




REVISTA DA SEMANA



BREVEMENTE OS SUCESSOS

Os grandes crimes e as grandes catastrophes!

SEMANARIO POPULAR ILLUSTRADO

**Narração e reconstituição colorida pela photo-
graphia e pelo desenho, dos acontecimentos
dramaticos nacionaes e estrangeiros**

**Texto empolgante! Reportagem sensacional!
A vida nos seus aspectos tragicos!**

OS SUCESSOS publicarão simulta-
neamente, dous romances

Um romance policial e um romance de paixão

OS SUCESSOS reunirão as precisas condi-
ções para interessar todas as classes dando se-
manalmente uma leitura impressionante e
commovedora

Numero avulso..... 200 rs.

Assignatura annual 10\$000

Pedidos à Secção Editora do JORNAL DO BRASIL

110, Avenida Rio Branco, 112 -- Rio de Janeiro

UM LIVRO NOTAVEL

COMO SE TRIUMPHA NA VIDA

Meios e qualidades que
permitem alcançar
exito e fortuna

Segue os conselhos d'este livro e a tua vida de
mediocre e miseravel se tornará facil, interes-
sante e elevada. Serás um homem superior e
conseguirás a fortuna. Serás querido e res-
peitado

Um volume de 226 paginas
custa apenas 2\$000 réis

Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"

Au Petit Marché

OUVIDOR, 86

Esta semana grandes exposições de
roupa branca para senhoras
e crianças em todos os generos, qua-
lidades e preços

**Blusas--Blusas--Blusas
e Matinéés**

Sedas escossezas e listradas

VISITEM

Au Petit Marché

OUVIDOR, 86

ESQUINA DA RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

REVISTA DE SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911
Anno XV — N.º 29 — Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1914

ENDERÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 79 CENTRAL
Redacção Administração e Officinas

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 — Rio de Janeiro

DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro :50 francos
AVULSO 400 RÉIS

EDIÇÃO DA SECÇÃO EDITORA DO JORNAL DO BRASIL



CHRONICA

A morte de Pio X, no momento em que a Europa se acha acommettida do delirio da guerra, apparece ás imaginações supersticiosas como um signal da divina reprobção. Deus haveria retirado da terra, chamando-o ao Céu, o supremo Pastor do rebanho christão, pois que as ovelhas se transformaram em feras.

Essa é, porém, a explicação que as almas simples improvisaram na sua inextinguivel ancia de sobrenatural.

Em breve, á cadeira de S. Pedro outro pontifice subirá com o baculo de oiro, a mão adornada pelo annel symbolico do Pescador, a cabeça branca coroada pela thiára refulgente.

Entre os thrônos da terra, é nesse thrôno espiritual que menos se vive. Occupa-o quasi sempre a velhice. Sobe-se a elle já na descida para o tumulto. A batina branca é uma antecipada mortalha. O Vigario de Christo na terra, para estar mais proximo do céu, é um ancião. O Vaticano é como que o grandioso vestibulo de eternidade. Os alvos fantasmas passam depressa, entre nevoeiros de incenso e o oscillar dos flabellos, entre as abalardas da Guarda Pontificia e os mantos escarlates do Sacro Collegio. As tres phases da metamorphose succedem vertiginosamente: a purpura cardinalicia, a batina branca, a mortalha.

O obito do Papa, noutras éras, faria estacar os exercitos contendores. A christandade de lucto abriria um armisticio para orar. Ao fragor dos assaltos succederia o dobrar dos sinos. Das mãos homicidas cahiriam as armas para que se pudessem juntar na attitude da adoração. Mas na nossa éra utilitaria não é porque o Pontifice cerra os olhos que

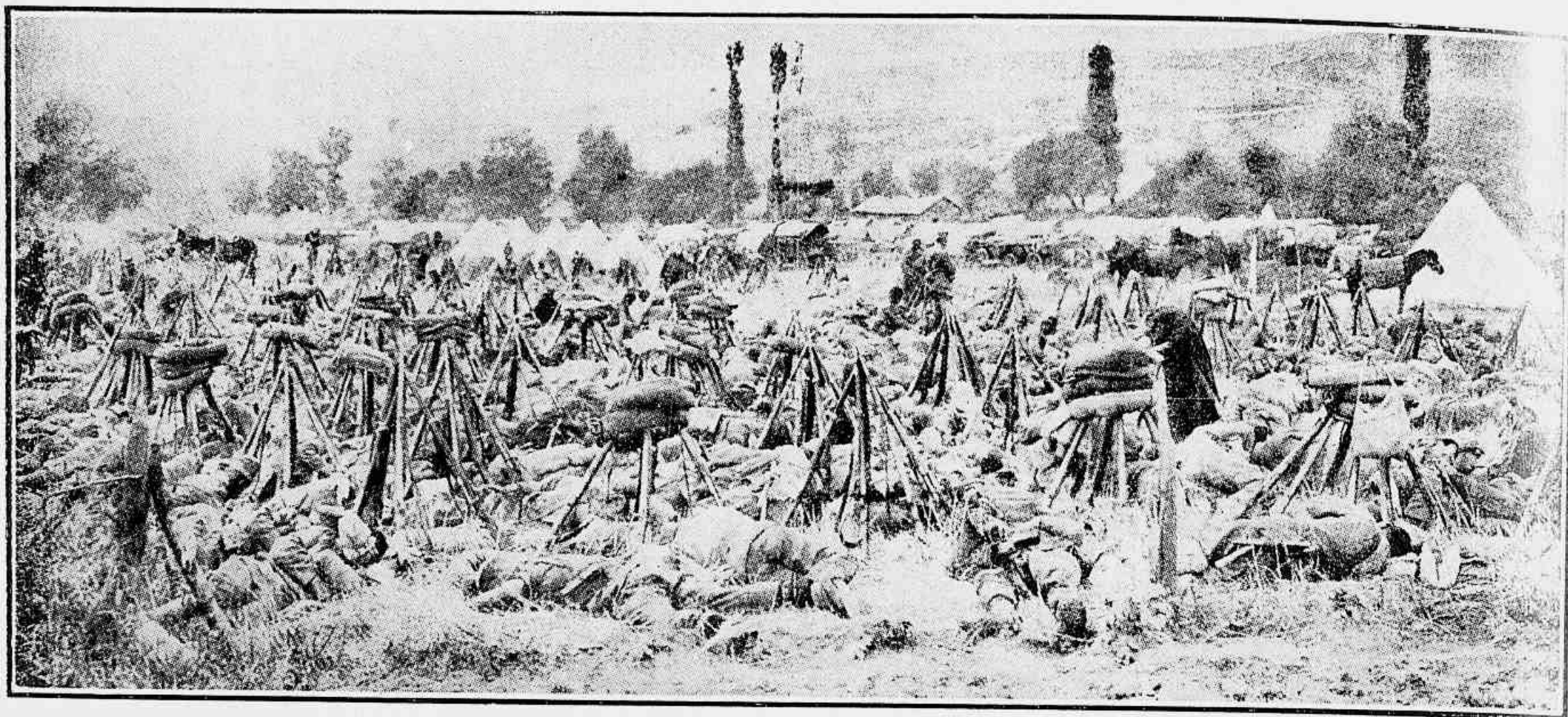
os exercitos suspendem as suas arremettidas. Na Europa em sangue e em fogo o novo Papa será eleito no concilio dos Cardeaes e a sua eleição será saudada pelo troar dos canhoneios. A catastrophe não se deterá porque o successor de S. Pedro morreu. Nada pode suspender o delirio dos povos em lucta. Os imperios que o christianismo fundou estão sendo encharcados pelo sangue. A doutrina de paz e de amor, por cuja victoria os martyres se deixaram esquarterar pelas feras nos circos de Roma, não converteu a especie humana através de 19 seculos. Hoje, como no tempo de Cesar, Marte tem ainda os seus altares onde os povos praticam os holocaustos propiciatorios. Sobre todas as concepções do Direito e da Philosophia a tremenda concepção da Força continua imperando e o homem não encontrou ainda outro recurso para resolver as pendencias do orgulho, da ambição e da honra senão a carnificina. A moral das nações permaneceu immutavel.

Do seu codigo barbaro não foi eliminado o direito de matar. Matar é uma acção punivel no individuo, mas é uma acção legitima para a collectividade.

A sentença, será, porém, tremenda para os victoriosos e os vencidos. Quando os canhões tiverem vomitado toda a sua metralha, quando as espingardas tiverem consumido todas as suas munições, quando os exercitos estropeados, arquejantes, mutilados, dissimados em volta das suas bandeiras em farrapos, arrojarem as armas e olharem em redor, só verão destroços e ruinas, e a humanidade pagará em annos de privações terriveis o crime monstruoso que praticou.

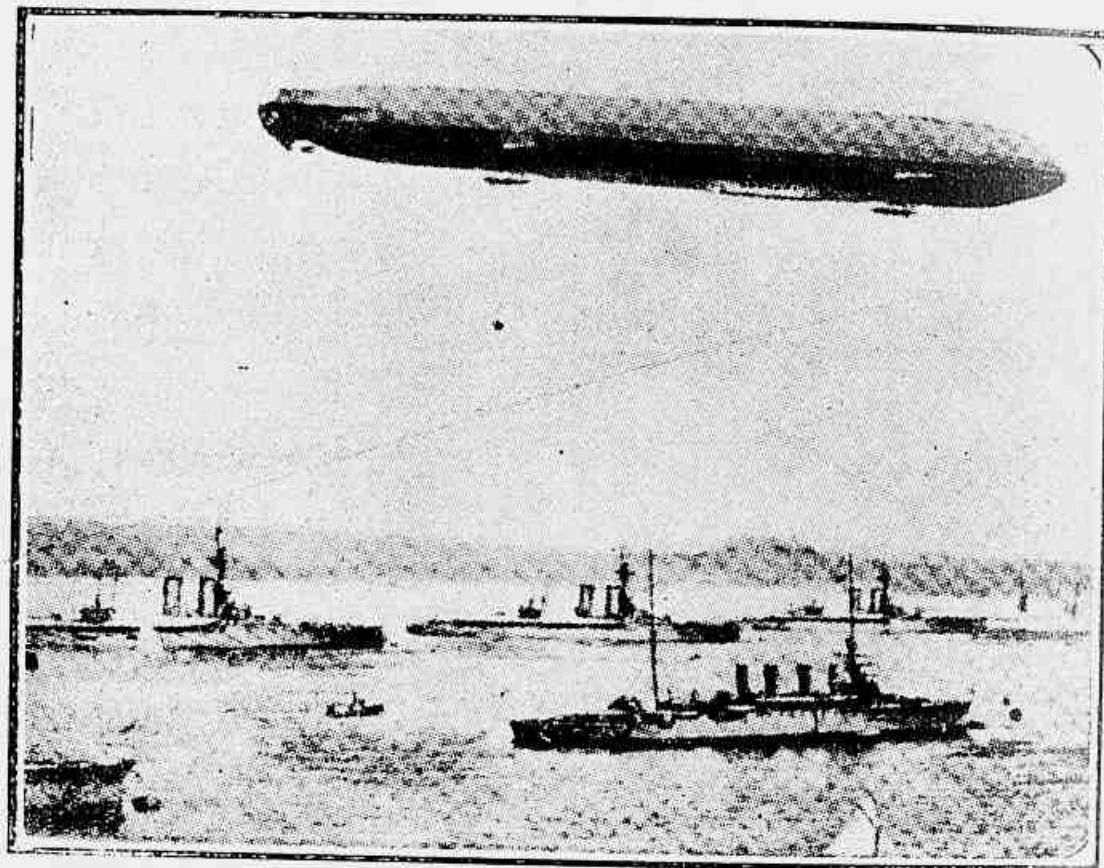
P. N.

Echos da guerra

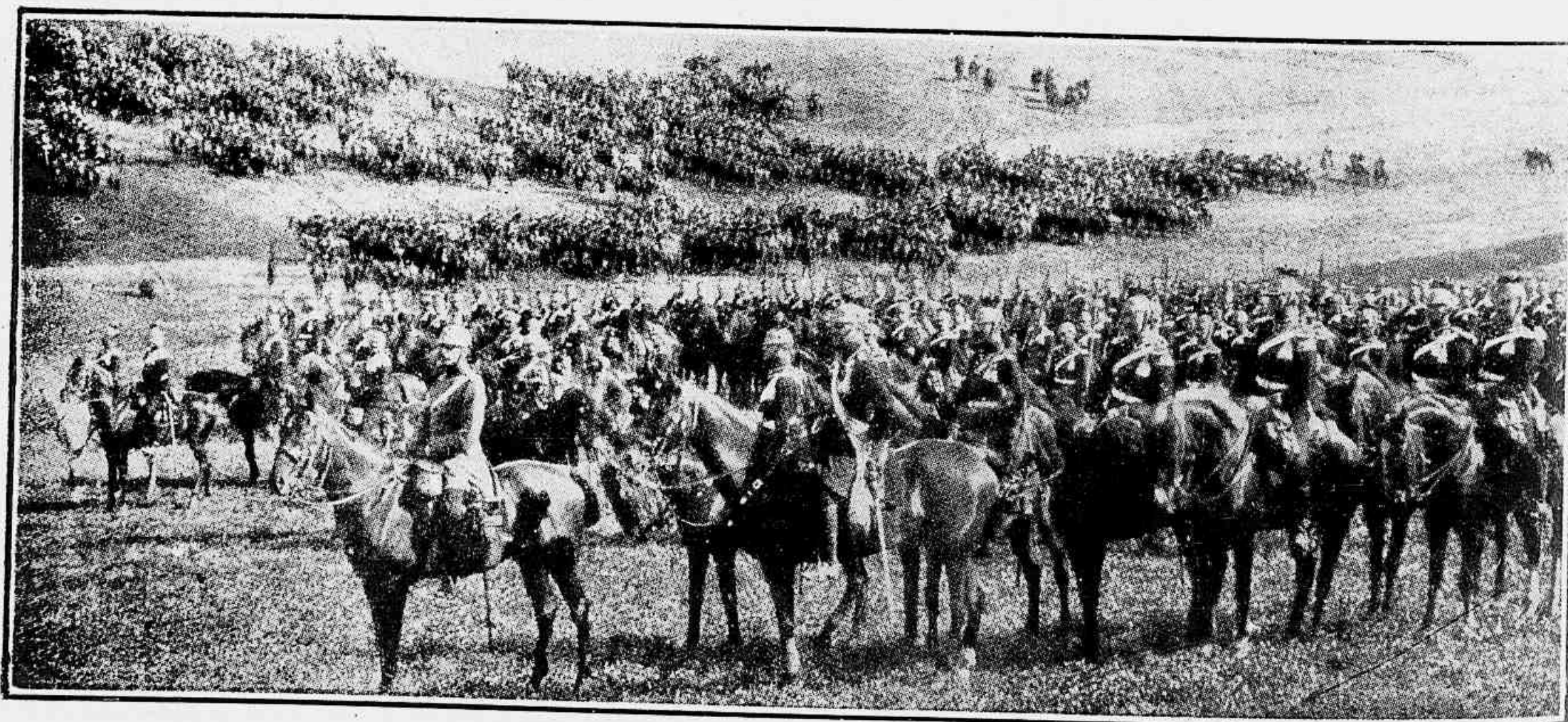


Bivouac da divisão servia do Danubio

A guerra continúa a preocupar as atenções geraes. Da Europa central, vasto campo de operações militares onde se degladiam varias nações armadas poderosamente, surgem dia a dia, hora a hora, momento a momento, as mais variadas, desconhecidas e alarmantes noticias. E por toda a parte essas novas da guerra são lidas com a avidez, com o interesse que é natural existir em taes condições, provocando opiniões, informações, vaticínios de toda a especie. As gravuras publicadas na imprensa mundial quasi que já não chegam a satisfazer a ancia de mais em que vive o espirito dos que teem acompanhado de perto a pavorosa marcha da conflagração européa. As gravuras que apresentamos hoje aos nossos leitores são todavia alguns dos mais recentes aspectos sobre tal assumpto, aspectos esses que encerram qualquer coisa de palpitante, de vivido, que força a imaginação a acabar o resto do quadro de que são um simples esboço. E esse quadro offerece tanta maior influencia quanto é certo moverem-se dentro delles nações fortes e audazes, desejosas de uma victoria decisiva.

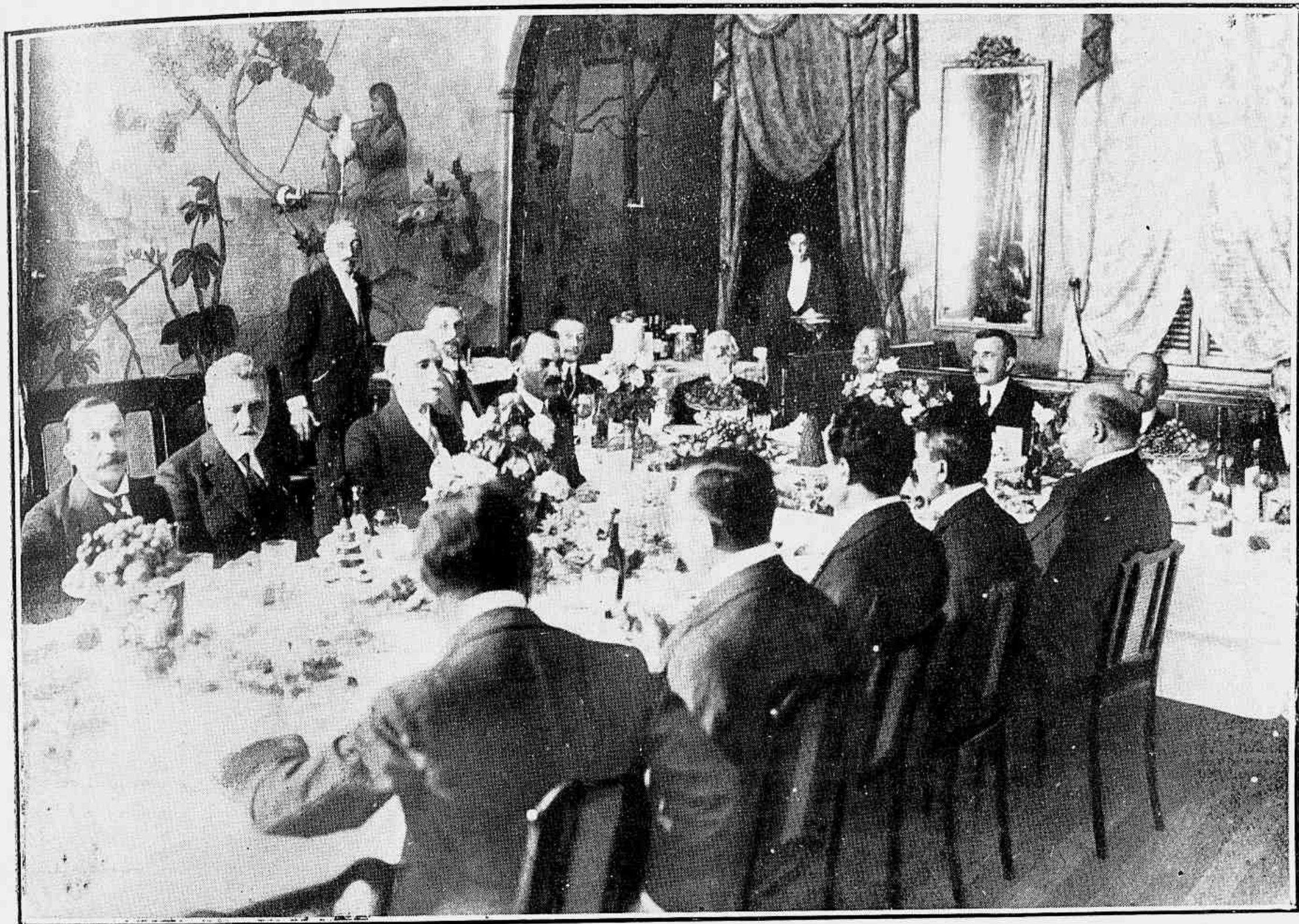


Unidades da esquadra ingleza no porto de Kiel

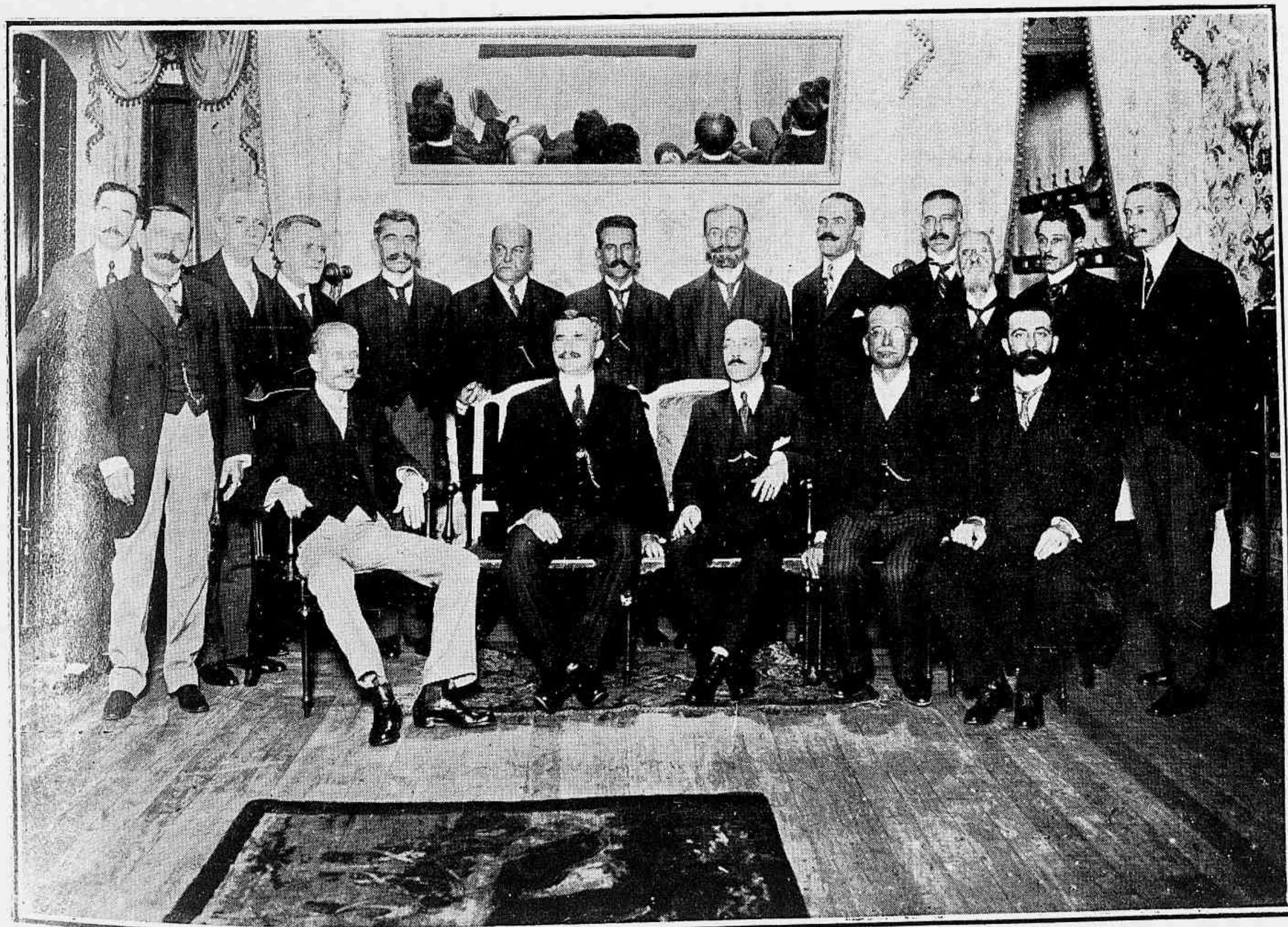


Uma divisão da cavallaria allemã em manobras

Almoço offerecido ao sr. dr. Delphim Moreira

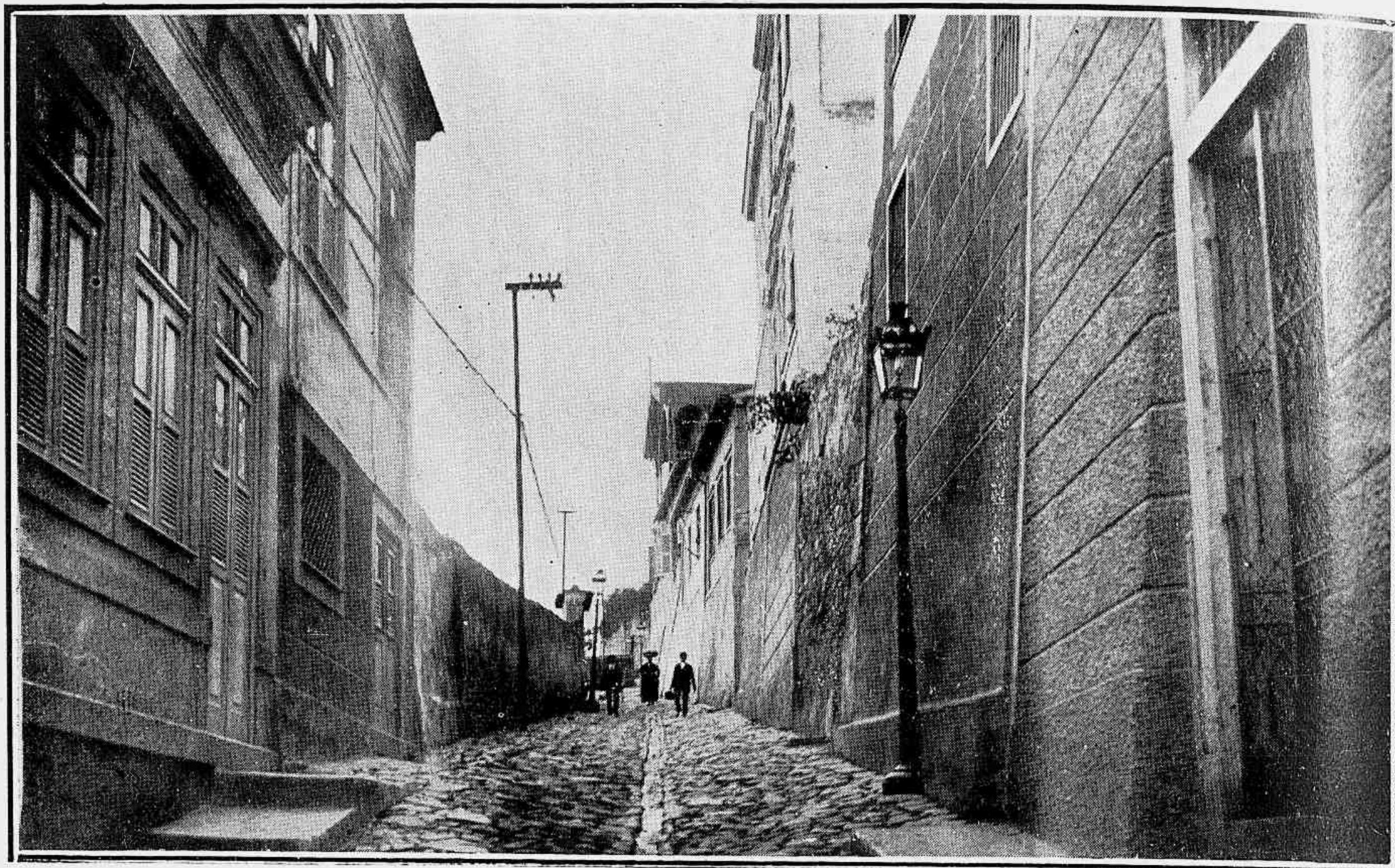


Aspecto do almoço offerecido ao sr. dr. Delphim Moreira, na Confeitaria Paschoal, pela bancada mineira



Grupo tirado ao terminar o almoço

O MORRO DO CASTELLO



Vista da ladeira do Castello

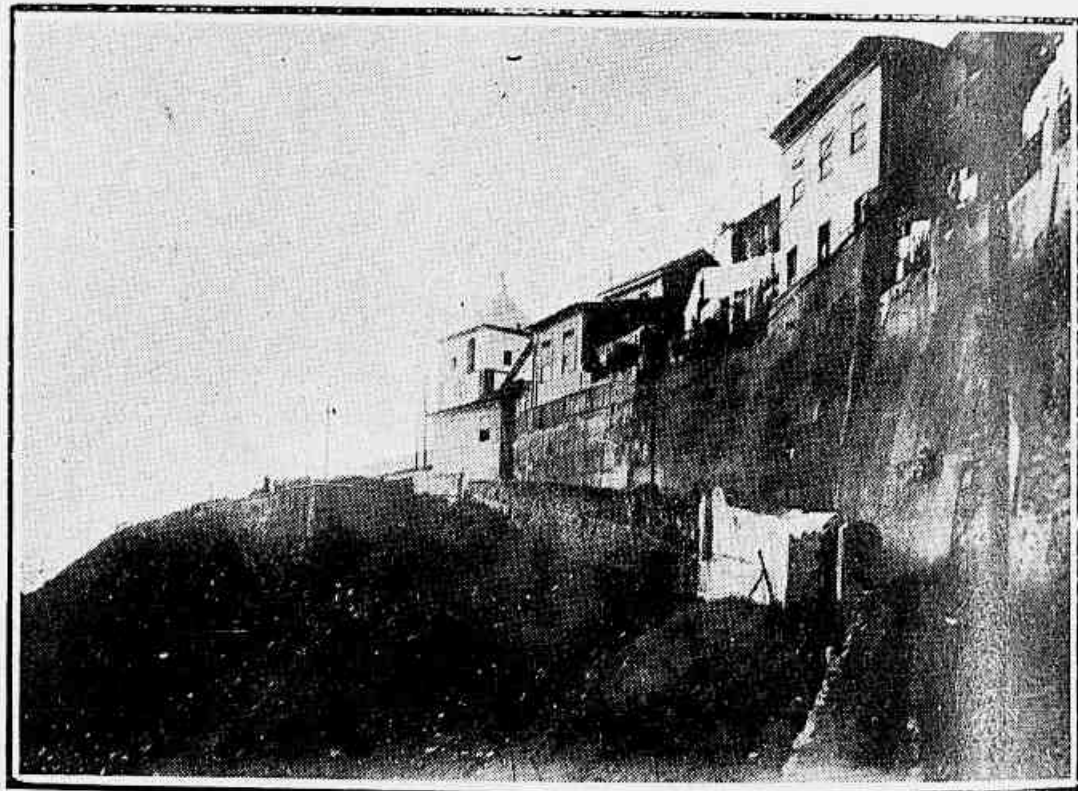
Ha no Rio de Janeiro, entre outros problemas que esperam a hora propicia de uma solução, o que particularmente visa a ampliação indispensavel da zona central e monumental da cidade pela demolição do morro do Castello.

O morro do Castello está condemnado. Ainda lhe não lavraram a sentença porque uma série de obstaculos se teem interposto entre os successivos interpretes dessa necessidade e as estações officiaes ás quaes compete sancional-a. De tempos a tempos um projecto surge, com variantes mais ou menos subordinadas a um criterio puramente opportunistta, e a questão revive por alguns dias, resuscitando os argumentos porem contra a demolição do morro historico. Este tem os seus deffensores, os seus paladinos, que pensam poder poupal-o ao alvião e á dynamite com as invocações das suas tradições historicas. Mas essa mataphysica da questão em cousa alguma concorrerá para lhe diffcultar a solução.

Esta resultará de circumstancias meramente utilitarias. O momento ainda não chegou em que o Rio de Janeiro reclame a dilatação da sua zona central, como indispensavel para accudir á expansão do commercio e da vida urbana. Mas quando esse instante chegar, os argumentos sentimentalistas serão redusidos instantaneamente ao silencio.

O morro do Castello está condemnado, e pen é que, ao deparar-se com a hora irrevogavel, proxima ou remota, do seu desaparecimento, os erros accumulados não permittam já a realisação integral do grandioso projecto do dr. Alencar Lima, que não soffre confrontos com os que se offereceram para substituil-o.

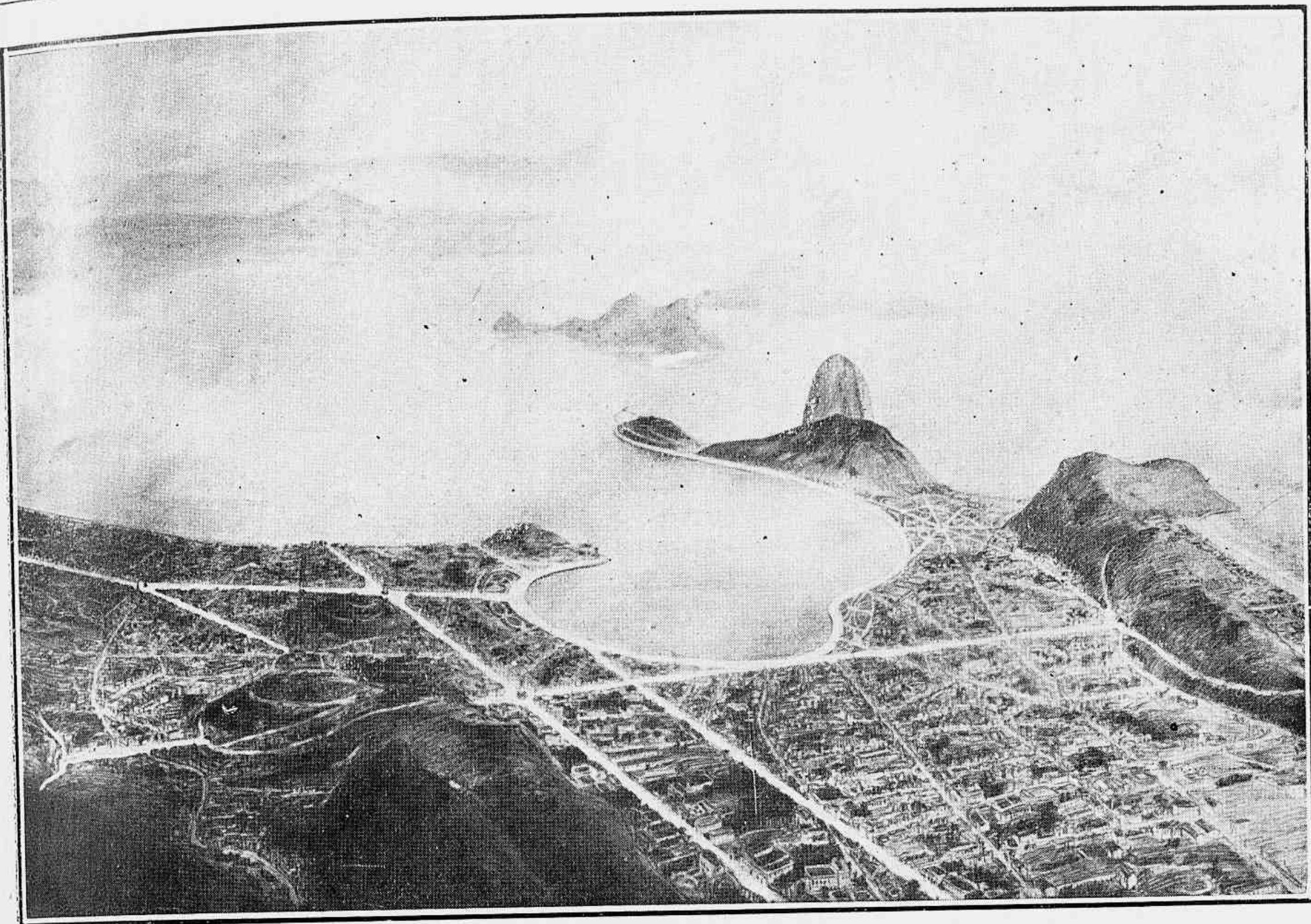
Não ha ninguem que não conheça, ao menos nas suas linhas geraes, esse plano maistrall, que avançaria a Avenida Rio Branco até a uma sumptuosa praça e lyptica conquistada á bahia com a alteração da linha marginal da Avenida á beira mar, e que crearia a possibilidade de doar a capital



Vista do morro do Castello tirado do lado que defronta com a rua de S. José



O morro do Castello, diante do qual estacam as ruas transversaes da Avenida, na praça do Marechal Floriano Peixoto

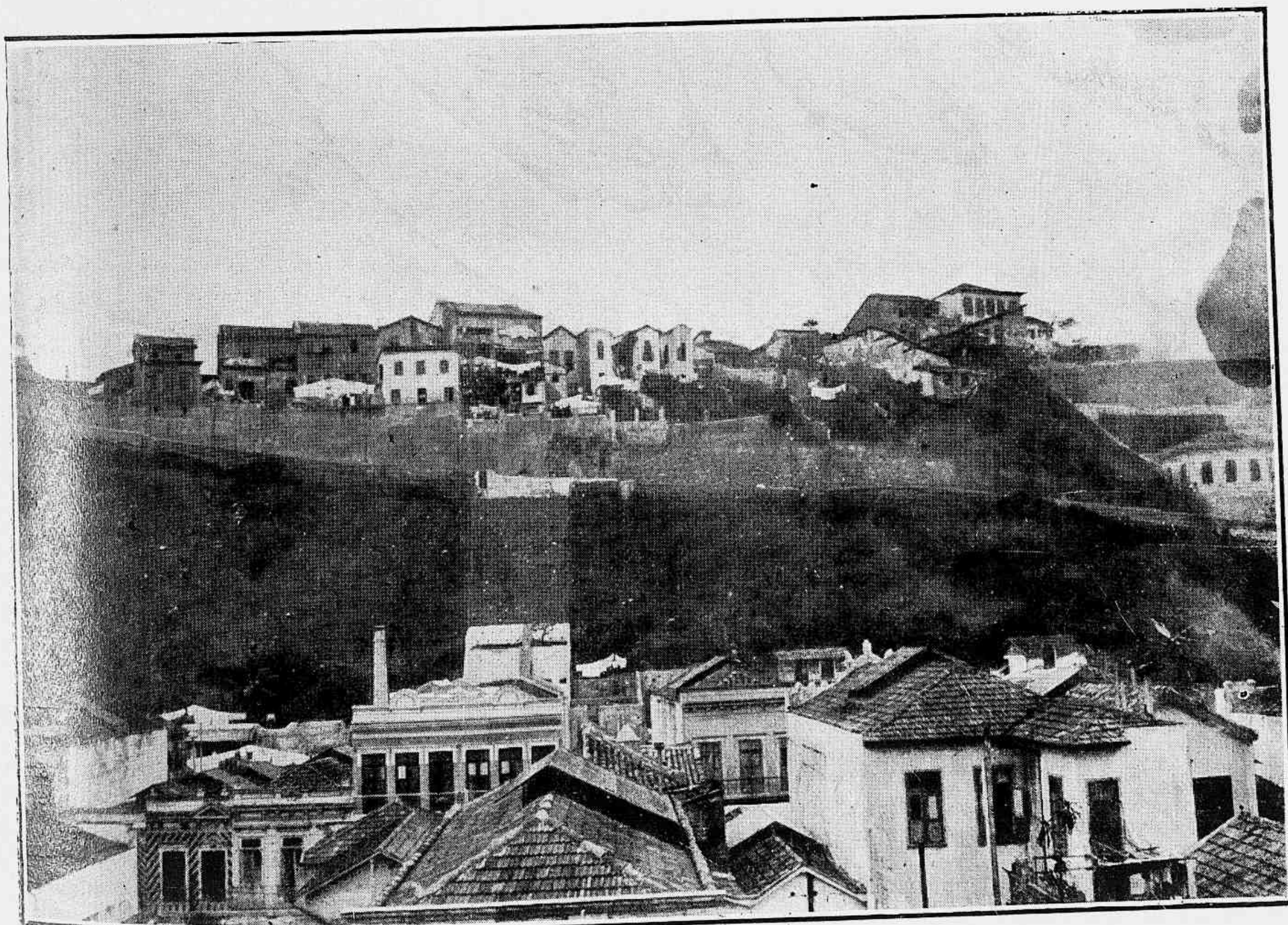


As grandes avenidas de ligação de Botafogo no projecto do dr. Alencar Lima

da Republica. com os melhoramentos necessarios á sua cathegoria.

Certo, o momento actual é o menos opportuno

para essas obras gigantescas. Mas convem não deixar desvanecer na opinião publica o truismo da da demolição do morro do Castello.



Vista parcial do morro do Castello, tomado da rua da Misericórdia

Na Serra do Mar



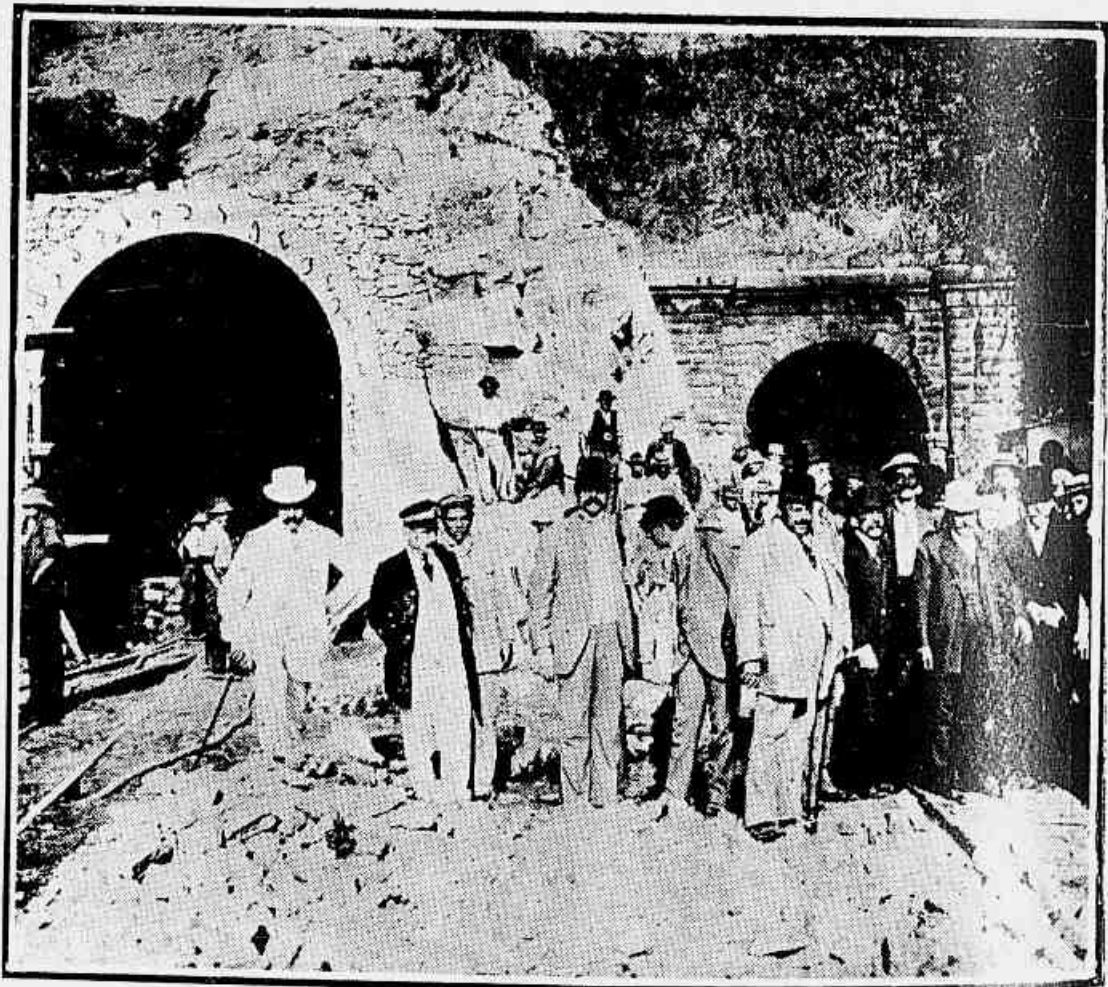
Instantaneo obtido no Hotel de Paladis, na Estrada de Ferro Central do Brasil, por ocasião da ultima visita do sr. Marechal Presidente da Republica ás obras de duplicação da linha entre Belém e Mauá

As nossas gravuras representam alguns aspectos da inauguração, effectuada ha pouco tempo, na Serra do Mar, da duplicação da linha iniciada sob a direcção do sr. dr. Frontin.

Modelar no seu genero, e construida mercê de uma energia de ferro para vencer varios obstaculos constantes, entre elles os que a propria natureza se encarregou de levantar, a linha agora duplicada é uma das mais interessantes e pittorescas e que maiores bellezas de perspectiva offerece aos olhos sempre curiosos de quem viaja.

A' festa da inauguração da linha dupla assistiram o sr. Presidente da Republica com sua Exma. esposa, varias auctoridades, pessoal superior da E. F. C. B., e altas personalidades em destaque no nosso meio social.

Ceremonia deveras concorrida como se poderá vêr pela nossa documentação photographica, a festa da duplicação de linha, realisada na Serra do Mar, teve fóros d'uma solemnidade devéraselegante.



O sr. Presidente da Republica e demais pessoas gracas em visita ás obras da duplicação da linha, na Serra do Mar, no dia 15 do corrente. O presente instantaneo foi obtido na bocca do tunel 12, proximo a Ottoni.

LENDA ARABE

Os arabes indicam pelo seguinte modo as quatro phases principaes da embriaguez :

Quando Deus plantou a vinha, Satanaz regou-a com sangue de pavão. Quando appareceram as primeiras folhas, Satanaz regou-as com sangue de

macaco. Quando se formou o fructo, a rega foi com sangue de leão. Quando a uva se tornou completamente madura, a rega foi com sangue de suino.

No primeiro grau de embriaguez o ebrio imita o brilho do pavão; no segundo faz momices do macaco; no terceiro a furia do leão; e no quarto a somnolencia e immundicie do suino.



Os dois primorosos sonetos que a «Revista da Semana» dá hoje á publicidade pertencem a um dos mais talentosos cultores das musas, entre a nova geração dos poetas pernambucanos

MORTE DE ORPHEU

(Para o Sr. Abel Botelho)

Foi na Thracia. O deus canta, a Hellade em festas
pondo,
Sua voz, pelo amor que Eurydice lhe inspira,
faz com que dome, ao som da incomparavel lyra,
a corça brava, o leão revél, o tigre hediondo.

Mas, as bacchantes vis lançam-lhe esgares de ira;
e, a um confuso tropel, grutas e esvãos transpondo,
lá vêm — no ar socegado E'co propaga o estrondo,
a alma inquieta do bosque em seus antros delira —

Lá vêm : cada uma á fronte hellenica do poeta
vibra um thyrsos ; um calhau outra, empós, lhe pro-
(jecta :
acossado ao redor, calçam-n'o morto e frio...

A cabeça do deus, lançada á lympha do Hebro,
começou a cantar, agua abaixo, em tom quebro,
e, agua abaixo, lá vai cantando pelo rio !

A VOLUPIA DA VAGA

(No album do Dr. Arthur Muniz)

Fôra uma simples onda — agua em flôr que se
(ensaia.
nova, errante, a tremer no glauco e azuleo oceano,
Era-lhe a espuma, no ar, todo o seu pranto insano.
o beijo equóreo e bom do vento — a alma da praia,

Um dia, ao sol, um buzio, inflammando-se, esmaia
vendo-a; busca entender-lhe o mais absconso ar-
(cano...
Eil-a, agora, a prender-se ao buzio, inflamnado,
(ufano,
como sob o poder de um deus de estranha laia.

E ella — a onda, simples agua em flôr, avolumando,
agitou-se, sensual, como inquieta sereia
ao voluptuoso olhar de aureos delfins em bando.

A agua vai, a agua volta; eleva o dorso lindo;
e vem crescendo, e vem cantando, e vem caíndo
sobre o retorso buzio acravado na areia !

Silva Lobato.



Aspecto da assistencia á festa realisada na residencia do sr. major Alipio Barros, por occasião do anniversario natalicio de sua esposa, a sra. D. Maria Olinda B. de Barros

TORDO OU TORDOVEIA ?

(Conto popular)

Foi n'um dia de entrudo. O homem, que sahira á caça, chegou a casa com uma tordoveia que havia matado.

— Olha, mataste um tôrdo ! Exclama a mulher.

— Não é um tôrdo é uma tordoveia.

— E' um tôrdo.

— O' mulher, é uma tordoveia.

— Um tôrdo, um tôrdo é que é.

— Uma tordoveia, uma tordoveia !

Tanto insistiram, que, por fim, chegaram a vias de facto.

No anno immediato, em igual dia, a mulher :

— Faz hoje um anno que tu mataste um tôrdo.

— Era uma tordoveia.

— Não era tal ; era um tôrdo.

— Já te disse que era uma tordoveia.

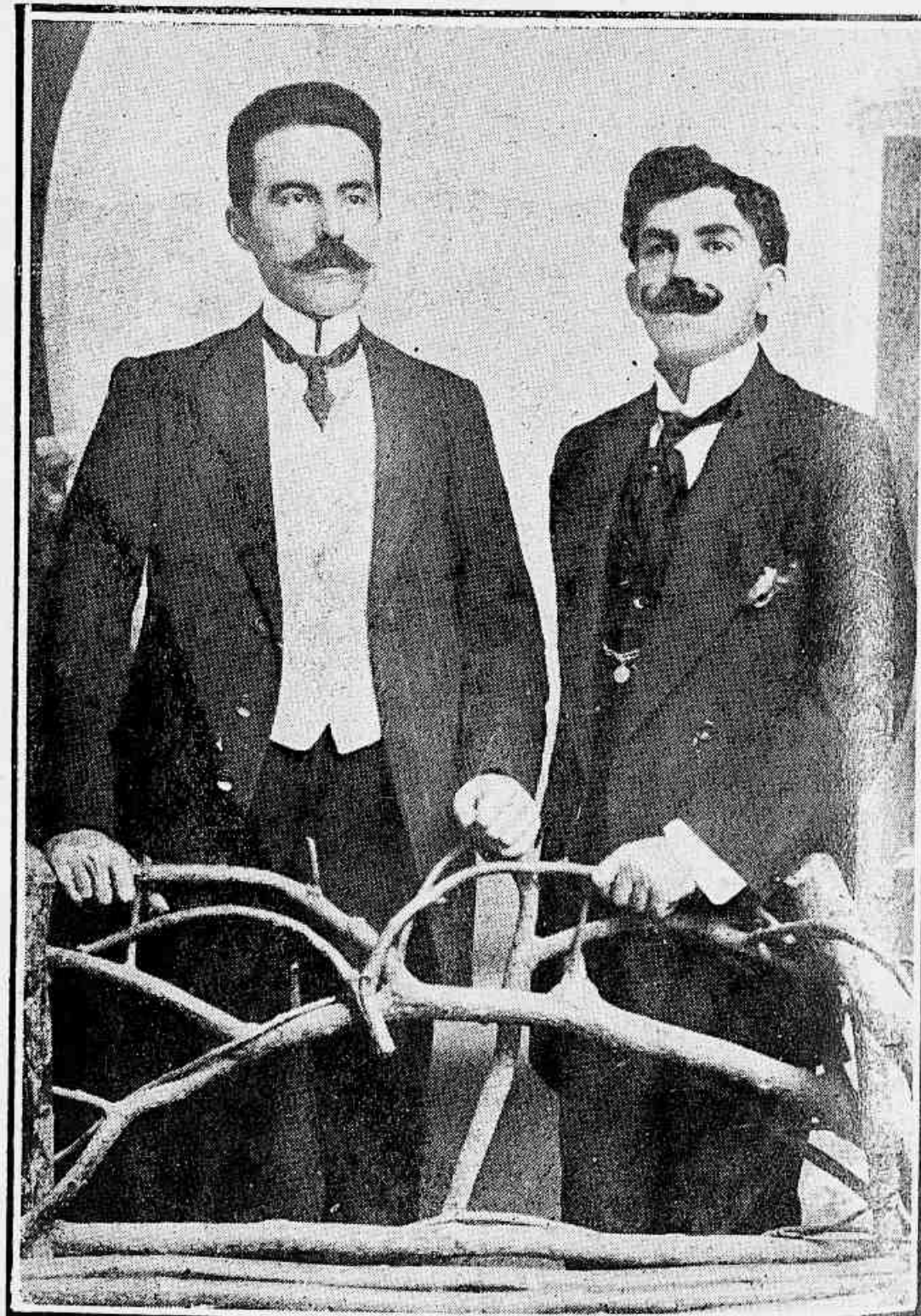
— Sim senhor ; era um tôrdo.

— Não senhhor ; era uma todoveia.

Tanto teimaram, que jogaram as cristas.

Nos annos seguintes, chegado que fosse o dia de entrudo, — era já sabido ! — entre os dois repetia-se invariavelmente a velha questão do tôrdo e da tordoveia, acabando sempre da mesma forma.

José Diogo Ribeiro



*Carlota : — Hontem foi o dia dos meus annos, e o Julio deu-me uma rosa por cada um dos que fiz...
Amelia : — Que immenso ramo havia de ser !*

Da esquerda do leitor, M. Campos, agente da Revista em Juiz de Fóra; da direita, M. Santos, habil photographo junto da agencia do sr, M. Santos.

Uma praia de banhos em França

A ELEGANTE DEAUVILLE

Quando a guerra lançou inesperadamente a França no horror dos combates, convertendo-a num formidável acampamento militar, a estação elegante das praias inaugurara-se com a animação de sempre. Desde Deauville a Biarritz, por todo o lindo littoral da encantadora França, as grandes e as pequenas praias, aquellas aonde se vae para repousar e aquellas aonde se vae á procura de novos e fatigantes praseres, acolhiam essa população ephemera, buliçosa, alegre, que todos os annos, de Julho a Outubro, deslocam para os seus casinos e para os seus areas a vida excitante das cidades.



O banho de Tóio



Um tiroteio photographico!

As photographias que reproduzimos, obtidas por um amigo dedicado da "Revista da Semana", dão-nos em uma serie de instantaneos deliciosos varios aspectos *sur le vif* da mais elegante praia de França: a mundanissima Deauville, a eleita de Paris hyper-chic, e que desde alguns annos arrebatou a Biarritz a melhor parte dos seus frequentadores.

Biarritz, onde Eduardo VII gostava de pas-



O mar, brinquedo das crianças

sar alguns dias do outomno, e que foi, por excellencia, a praia das aristocracias cosmopolitas, predilecta dos principes russos e dos *lords* millionarios, passou a um segundo plano desde que a linda Deauville se tornou o centro de confluencia da sociedade de Paris. Nenhuma praia, nem mesmo Trouville, sua rival, tem uma phisionomia mais parisiense, e em nenhuma a vida de praser e de luxo attinge um tão grande grau de



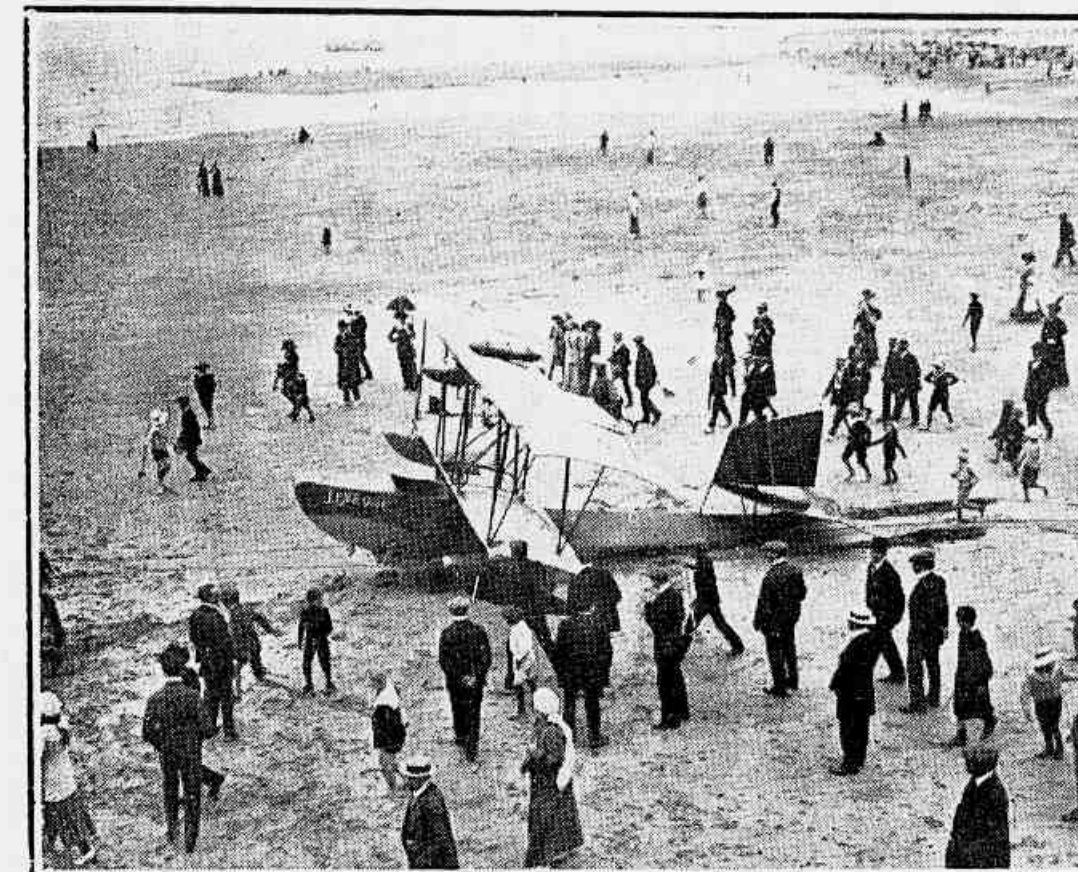
No banho

explendor: d'esse esplendor feito de galanteria, que é a característica da elegancia de França.

Certo, Deauville não é uma praia puritana, de moral severa. Mas onde ha hoje uma praia na Europa, entre as que teem fama, que se subordine aos principios da moral e que os acate? O *maillot* triumpho por toda a parte, tendo vencido o debil pudôr que ainda ficara sobrevivendo na mulher hyper-civilisada do seculo XX. A moda governa a *toilette* de banho como governa a *toilette* de baile. Ser bella entre as ondas como se é bella num camarote de theatro, tal é a preocupação da mulher que se banha em Deauville. As grandes modistas

não se sentiram deshonradas em talhar e compôr vestidos de banho, mas ao contrario dos modelos da cidade, os modelos da agua são de uma simplificação edenica. Reproduzir Eva no paraíso parece ser o fito principal, essencial, supremo, que se tem em vista. A mulher quer ser sereia e ondina e tem o ar innocente de que foi o mar que a despiu...

Voluptuosa França! como é desconsolador recordar agora, quando tu estás vertendo tão heroicamente o teu sangue nos campos de batalha, esses theatros da tua elegancia morbida e do teu requintado e embriagador praser!



O hydro-aeroplano Levêque na praia de Deauville



A "promenade" de Deauville

ville à hora do banho



Mme. Berthe Duplaix

Encontra-se em villegiatura no Rio, de passagem para Buenos Ayres, onde vae trabalhar, a insigne artista franceza Mme. Berthe Duplaix que tantos louros tem alcançado em Paris, no Theatro Femina. Actriz elegante e possuidora de uma voz adoravel, Mme. Berthe Duplaix tem arcado triumphantemente com a responsabilidade de muitos papeis de relevo, ao lado de Signoret e de Marguerite Deval. Na revista *Trés Moutarde*, de Rip e Bousquet, que tanto successo obteve recentemente em Paris, coube á illustre artista o papel de *comère* que desempenhou brilhantemente.

—❧—

Um chefe de *claque* apresenta-se ao director de um theatro, que vae abrir as suas portas ao publico.

— Sabe as suas obrigações ? pergunta o empresario.

— Sei-as de tal modo, que faço o que quero do publico.

— Tem a certeza de fazer bisar um trecho designado ?

— Tenho a certeza de fazer bisar tudo. Sou até capaz de fazer repetir os intervallos.



No salão de conferencias da Bibliotheca Nacional, durante a notavel conferencia do dr. Clovis Bevilacqua, sobre Direito Internacional



A nossa gravura apresenta um dos ultimos, dos mais recentes e interessantes modelos que a moda parisiense tem imposto á sociedade elegante, que prima na arte de vestir. Todo confeccionado em seda "liberty", de cor clara com facha de seda na mesma cor, mas um pouco mais escura, é essa "toilette" uma das mais gentis que tem apparecido ultimamente.

A saia termina com um folho de renda clara, finissima, em recorte e sobre os hombros cae uma capa, das ultimas creações que nesse genero Paris nos tem apresentado.



Aspectos do Rio

O GUIGNOL NA PRAIA DE BOTAFOGO

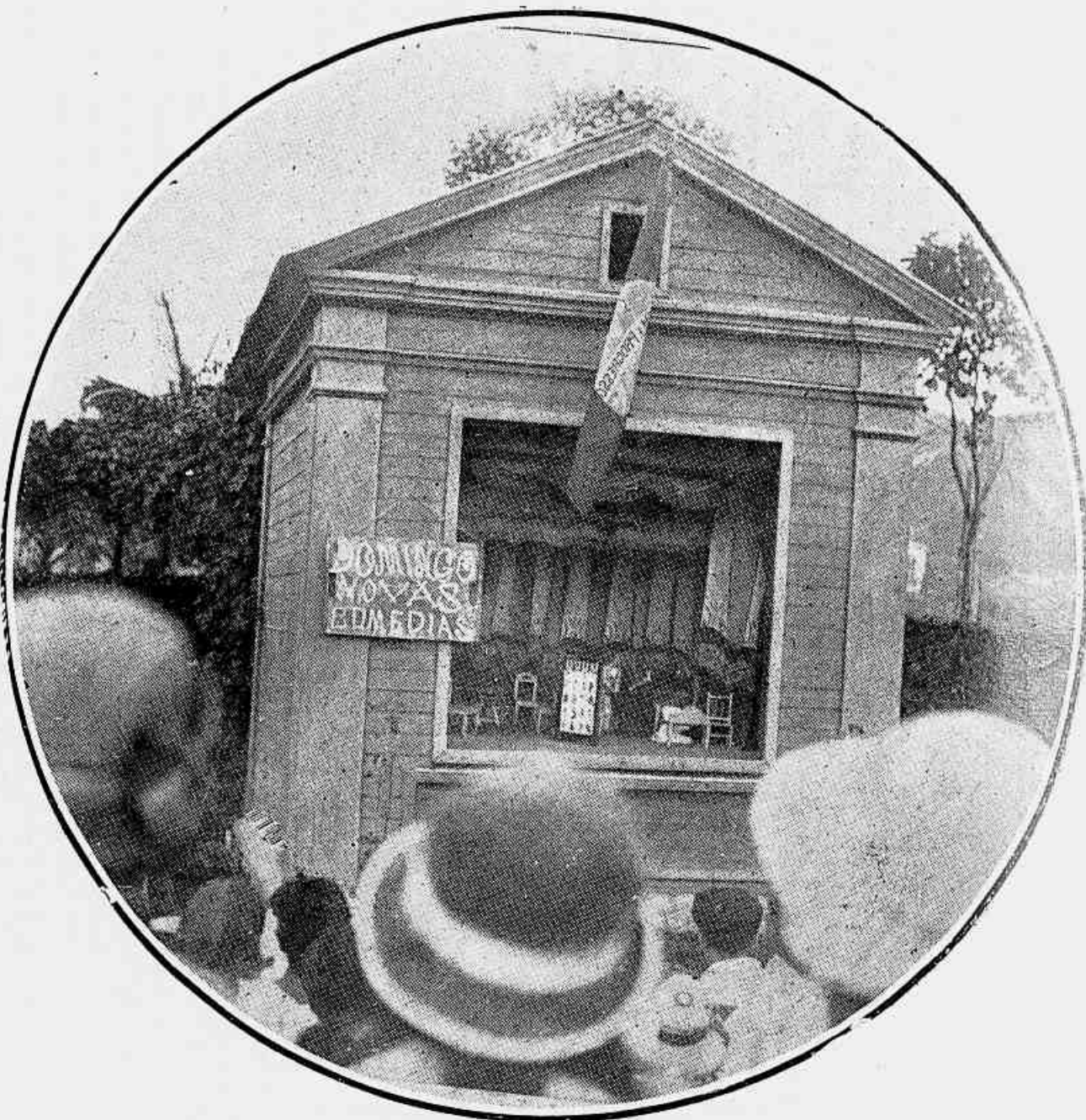
O theatro *Guignol* obteve um ruidoso successo devido á facilidade da sua instalação e, sobre tudo, á sua apparencia de vida.

O dedo indicador do operador mantém e anima a cabeça dos bonecos enquanto o pollegar e o médio, escondidos dentro das mangas d'esses actores produzem-lhes a movimentação dos braços.

A bocca de scena, ou para dizer melhor, o palco onde a acção se deve desenvolver, fica sempre muito alto, ao cimo d'um panno que envolve a pessoa que está movimentando o personagem que se agita e gesticula.

Os bonecos são por tal forma confeccionados que permitem ao operador abandonar rapidamente uns para fazer agir outros deixando os primeiros a um canto da scena como meros assistentes até ao momento de retomarem o seu papel.

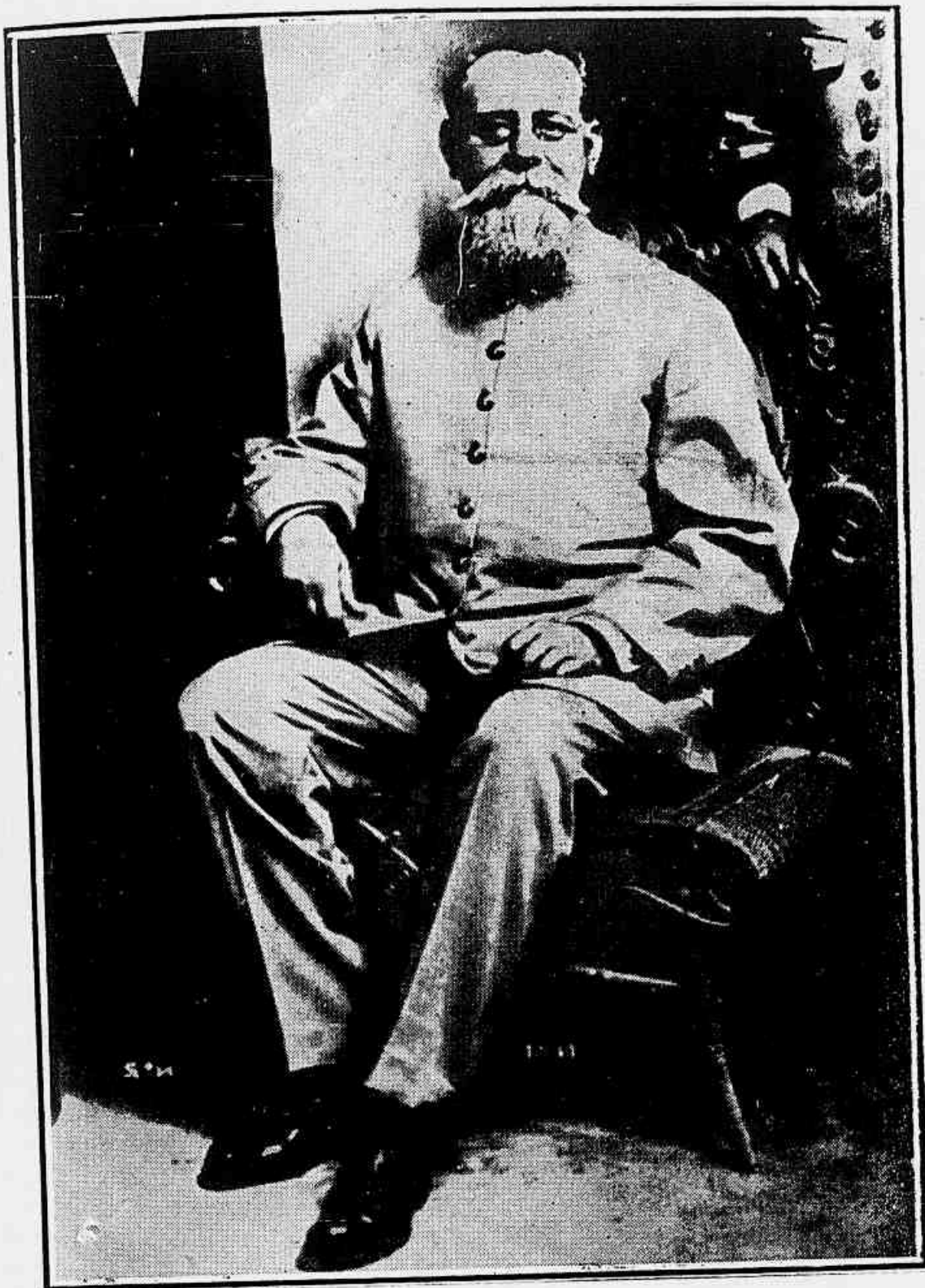
O *Guignol* é já conhecido na China desde os tempos mais remotos, e agora encontra-se espalhado por todos os cantos tendo já dado rios de dinheiro. Em Botafogo temos nós um d'esses theatrinhos, de véras interessante, que funciona duas vezes por semana, ás quintas e domingos, constituindo o enlevo e a alegria esfusiente das creanças,



O Guignol na hora do espectáculo



A assistencia a um espectáculo do Guigno!



O General Carranza, chefe dos constitucionalistas, que acabava de entrar à frente do seu exercito na capital do Mexico, assumindo interinamente a Presidencia da Republica, vaga pela desistencia do General Huerta, que foi eleito Presidente provisorio em 19 de fevereiro de 1913, e que abandonou o governo ao seu Ministro dos Negoeios do Exterior, Dr. Carbajal, que por sua vez o trespassou ao triumphador.

CONDOR

(De Clovis de Hollanda)

Azas soltas no espaço, as alturas buscando,
O condor vae fazer uma subida brusca.
Grande, no seu desprezo ao mundo miserando,
Os páramos do azul garbosamente busca.

Vôa, corta no céu, de um rasgo formidando,
A infinita amplidão que o seu furor rebusca.
Vae subindo, subindo... e nem vacilla quando
O sol a reluzir o seu olhar offusca.

Vôa, sobe e se perde altivamente no alto,
Olympi co, viril, sem ter um sobresalto,
No supremo desdem de quem morre sorrindo.

Condor do Sonho, audaz, quero galgar a Gloria...
Subir sempre, ascender em busca da Victoria...
Voar, subir, subir mais, morrer assim subindo!

—❧—

Uma senhora foi queixar-se á policia de que um gatuno lhe roubara o relógio.

— Então, como foi isso ? perguntou a auctoridade.

— Eu ia n'um carro electrico, elle sentou-se ao pé de mim ; d'ahi a pouco senti a sua mão apertar -me a cintura...

— E, n'esse momento, gritou ?

— Não senhor : n'essa occasião não gritei, porque parecia que elle estava fazendo aquillo com boas intenções...



O Czar da Russia, Nicolau II, e seu filho o Czarich

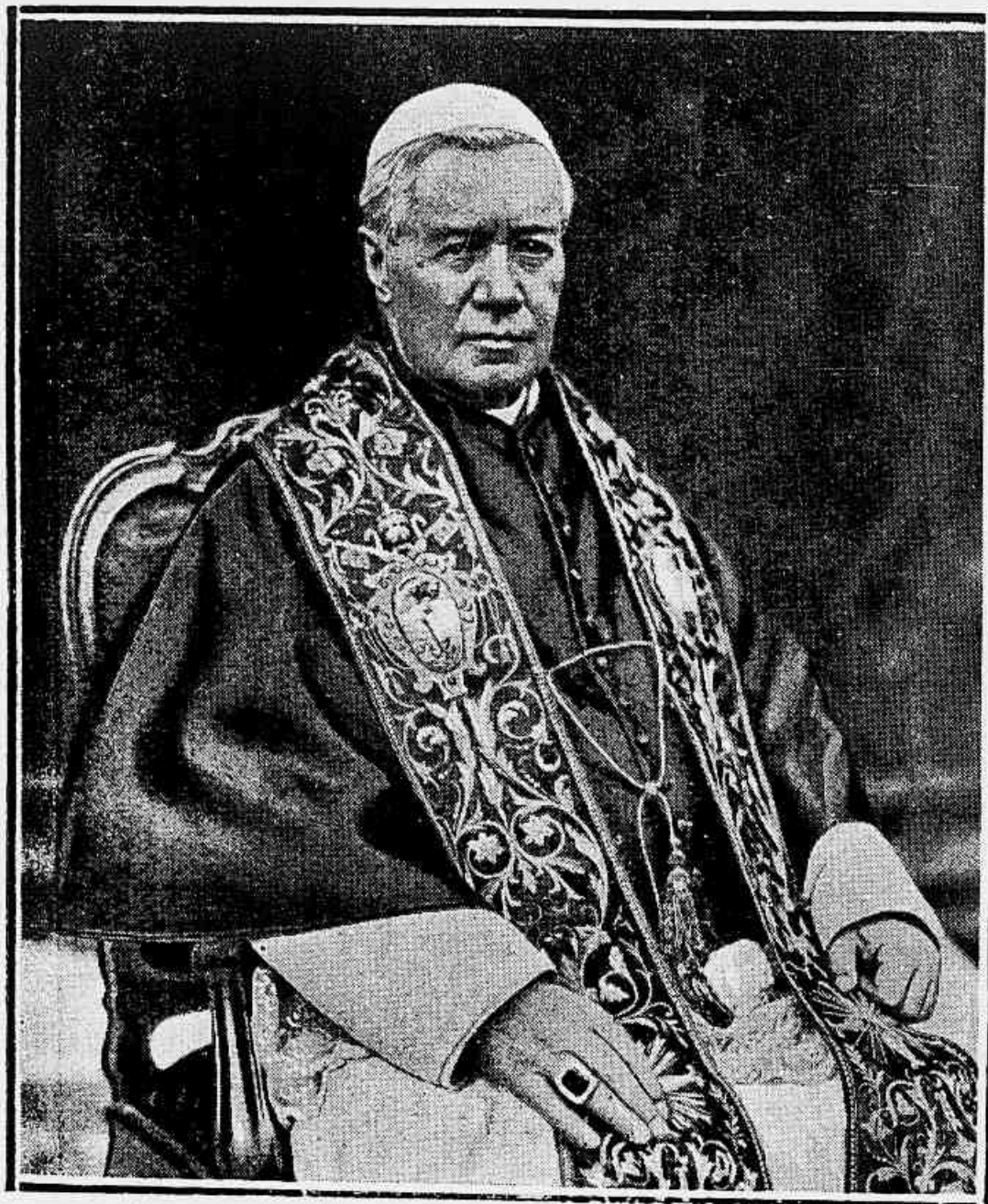
—❧—

O homem que quizer persuadir sua mulher de que é muito habil, deve tental-o antes do casamento, porque depois ser-lhe-ha muito difficil.

—❧—



Os meninos Paulo e Maria Ribeiro, no dia da sua primeira communhão



Sua Santidade o Papa Pio X, fallecido na madrugada do dia 20

O Vigario de Christo morreu

Acaba de morrer Sua Santidade o Papa Pio X. A Capella Sixtina, esse maravilhoso escriptorio que o Vaticano encerra vae servir de novo, como tem servido desde o seculo XVI, para n'ella se celebrar a eleição papal.

Mandada construir em 1473 por Sixto IV e confeccionada pelo florentino Baccio Pintelli apresenta as suas paredes cobertas por pinturas a fresco imitando tapeçarias. Figuram n'ellas obras notaveis, verdadeiras obras primas de Miguel Angelo, Perugiu, Botticelli e varios outros artistas de renome. A parede do fundo pintada pelo immortal Miguel Angelo representa o celebre *Juizo Final*. A' esquerda de um altar todo talhado em marmore branco está collocado o throno do Papa e á direita fica a tribuna dos cantores d'essa Capella.

Para adaptar a sala á cerimonia da eleição do Papa, cobre-se o soalho, que é de marmores riquissimos e variados, com um tablado que deixa

vêr apenas dois degraus do altar. Em volta, junto ás paredes, são collocados 64 thronos com doceis de droguete côr de violeta. Em frente de cada throno d'esses colloca-se uma meza de um metro de largura e em cima d'esta um tinteiro de metal prateado junto de varios outros objectos proprios para a cerimonia.

A meza que serve para o escrutinio é de largas dimensões e tem junto a cada um dos seus quatro angulos uma meza menor para os escrutinadores escreverem os seus boletins. Ao fundo, deante do altar, colloca-se um outro altar de madeira com filetes de ouro, coberto por um pallio de velludo vermelho ostentando ao fundo uma tapeçaria que representa a vinda do Espirito Santo.

Precisamente ao centro do altar ha um calice de ouro com a sua patena e que serve para n'ella se lançarem os votos.

Deante d'esse altar colloca-se uma meza co-

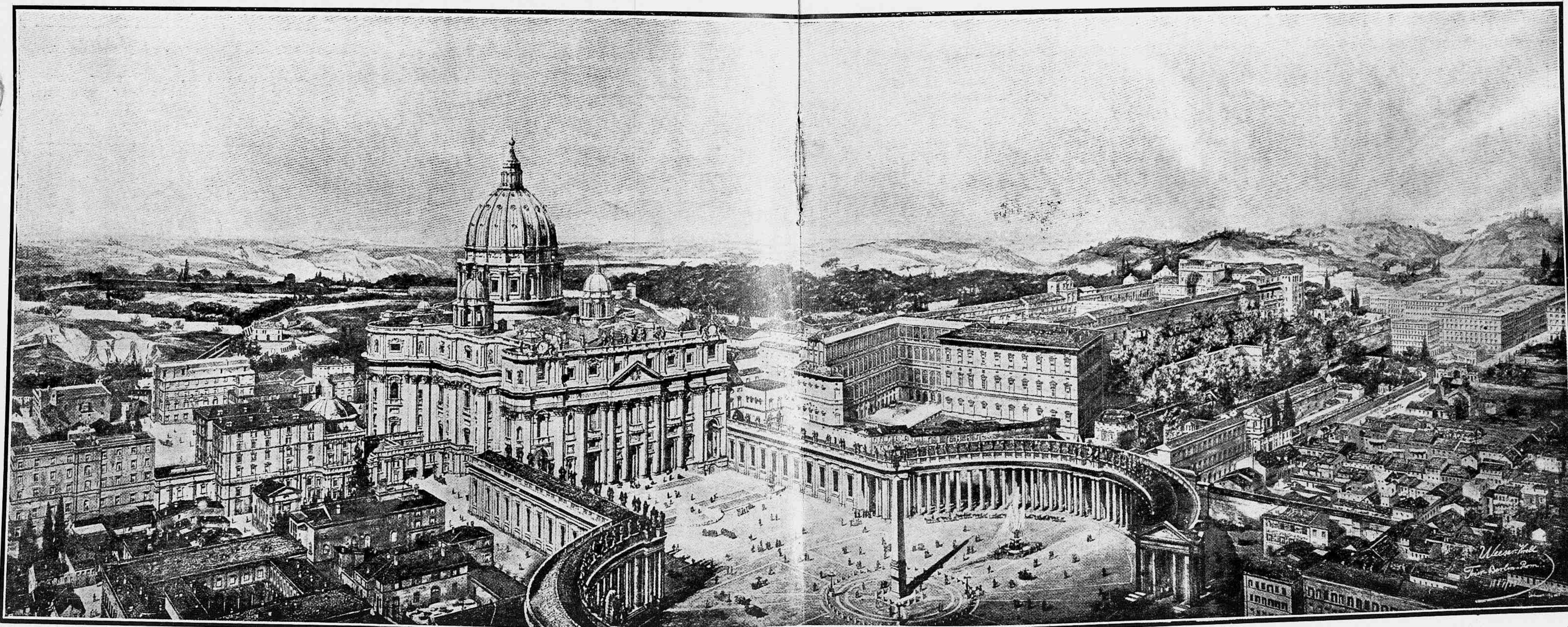
berta por um panno escarlata e sobre ella uma caixa com trez compartimentos.

Dentro da caixa tem logar todas as pequenas bolas de madeira onde estão gravados os nomes dos cardeaes eleitores.

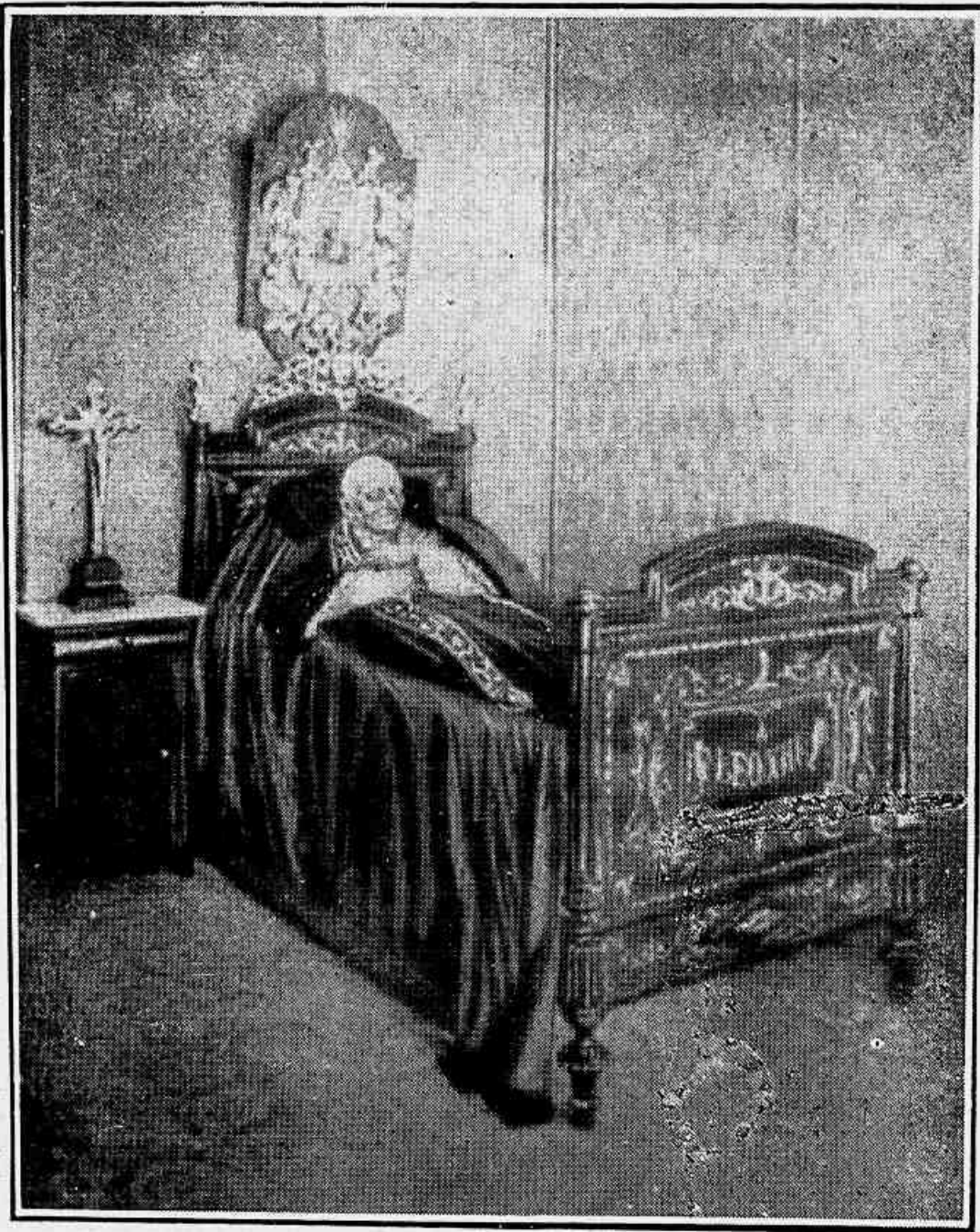
Além dessa caixa, deve haver uma urna, também de madeira, fechada á chave, que serve para os cardeaes enfermeiros irem receber os votos das eminencias que estiverem, na occasião, retidos no leito; e, ainda, dois maços de boletins para o primeiro voto e a *accessão*.

Todos os cardeaes assistem á missa das seis horas da manhã. No momento da communhão, deixam os seus thronos e vêm ajoelhar-se em circulo deante do altar para receber a hostia. A's 9 1/2, reúnem-se, de novo, para o primeirc escrutinio. Os cardeaes tomam logar nos thronos por ordem de antiguidade.

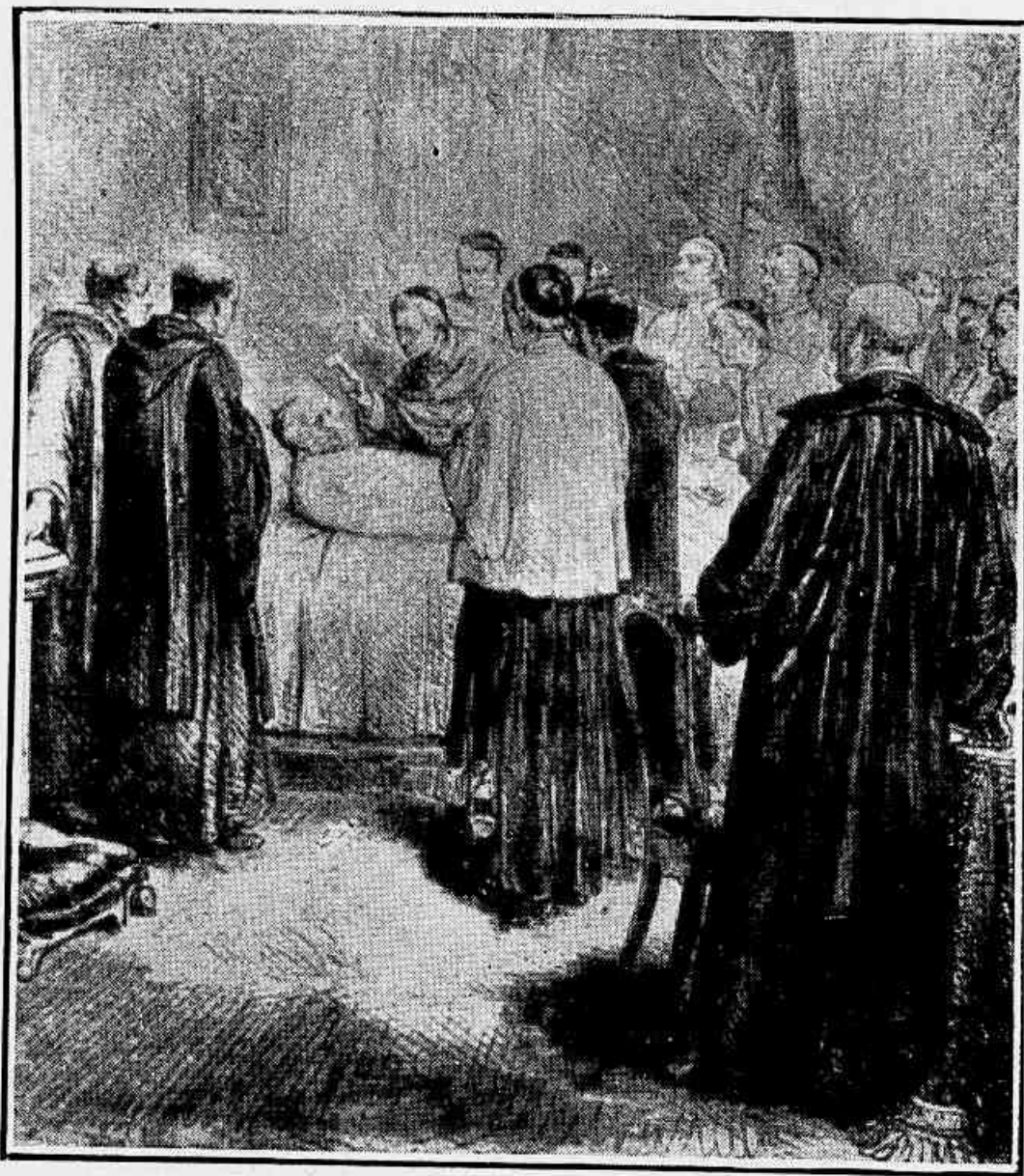
O grande mestre das ceremonias pontificaes



A CATHEDRAL DE S. PEDRO E O VATICANO



S. S. Leão XIII no seu leito de morte



A constatação da morte de Leão XIII pelo Cardeal Carnelengo

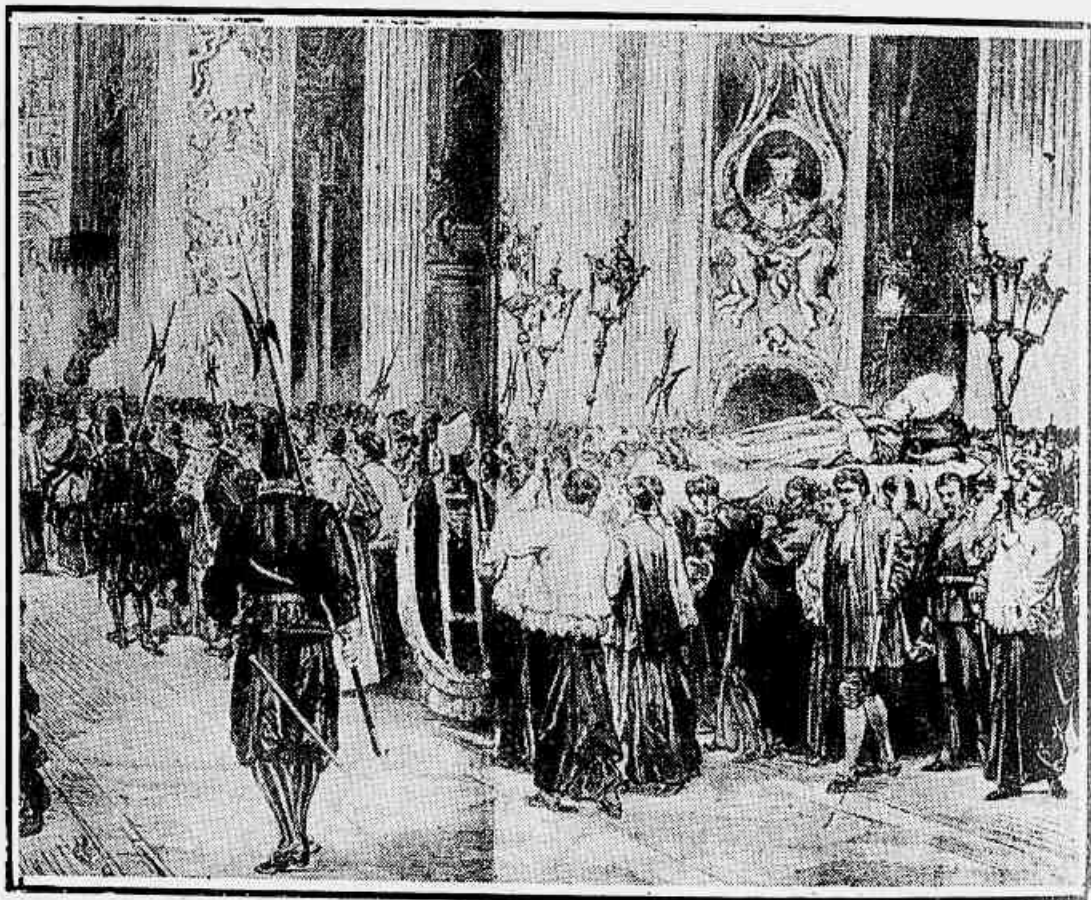
faz a chamada. Depois um cardeal, o ultimo da ordem dos diaconos, põe em um sacco violeta sessenta e duas bolas com os nomes das eminencias presentes para tirar, por sorte, os tres *scrutatori* encarregados de contar os votos, e os tres enfermeiros, que devem ir receber o voto de algum eleitor doente.

Depois, são distribuidas aos cardeaes as cédulas. Cada eleitor enche a sua cédula, lacra-a, e espera o momento em que deve collocar-a no calix.

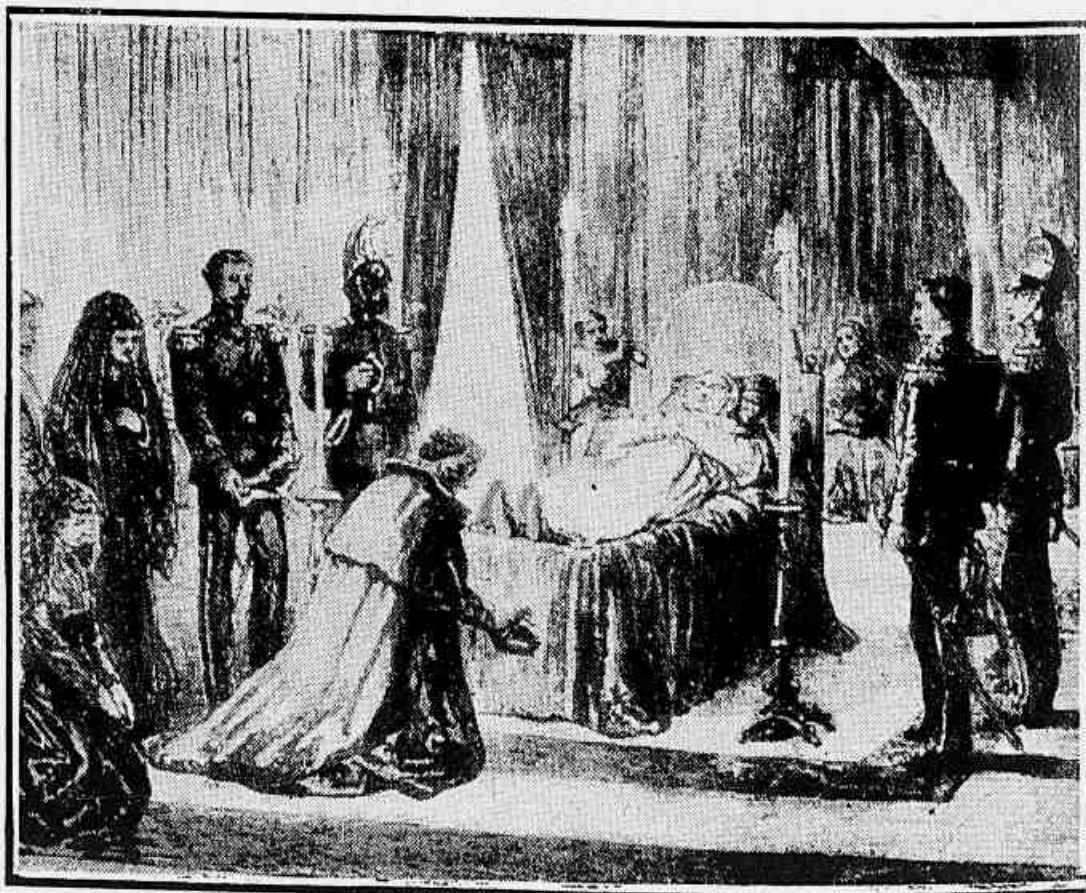
A cédula é dividida em tres partes : na superior, o eleitor escreve o seu nome em latim: *Ego cardinalis*, etc. Depois, dobra essa parte e prende as extremidades por meio de um sinete de fantasia usado somente no acto. Sobre a parte dobrada lê-se então a palavra. *Nomen*, que se acha impressa no verso. No centro do boletim estão gravadas estas palavras: *Eligo in summum Pontificem R. Dominum; Dominum meum Card...* E em seguida escreve o nome do seu candidato.

Na terceira parte da cédula que é inteiramente branca, cada cardeal escreve um algarismo e uma curta setença, ordinariamente da Escripura, que serve, em caso de necessidade, para exame. O votante dobra essa parte sobre si mesma, como fez com a primeira. Aparece então a palavra *Signa*, que se acha no verso. E assim torna-se visível apenas o nome do candidato. Só se descola a primeira banda no caso de ser preciso verificar os votos. Na hypothese do eleito haver votado em si mesmo, a eleição é annullada ; mas isso nunca se deu.

Os cardeaes deixam, então, seus logares, e, le-



A transferencia do corpo de S. S. Leão XIII para a Capella do Santo Sacramento na Basilica de S. Pedro



O cadaver do Papa exposto na sala do throno



A exposição pública do cadaver do Papa na Capella do Santo Sacramento na Basilica de S. Pedro

vando ostensivamente as cédulas na mão, dirigem-se, por ordem de antiguidade, ao altar onde se encontra o calix, que deve receber os suffragios. Ahi, depois de saudarem os escrutinadores, ajoelham-se, cada um de per si, e pronunciam em latim o seguinte juramento :

—“Tomo por testemunha a Nosso Senhor Jesus Christo, que me ha de julgar, em como elejo quem me parece ; deante de Deus que deve ser eleito e que o mesmo sentimento me ha de guiar na accessão ”.

Em seguida, levantam-se e depõem a cédula no calix. Realizam-se, então, os escrutínios, rigorosa-

mente fiscalizados, e que obedecem a complicados cerimoniaes. No ultimo, os eleitores, ainda uma vez, prestam o juramento de eleger aquelle que lhes parece o mais digno. Dirigem-se, por fim, ao altar. O grande calice de ouro recebe as cédulas; depois, tem inicio a solemnidade da apuração. E por cinquenta vezes as abobadas da Sixtina repetem estas palavras:

Eligo in Summum Pontificem Reverendissimum Dominum meum Cardinalem...

E fica assim eleito o novo Papa.



Os ultimos momentos de S. S. Leão XIII

A FELICIDADE E O AMOR

O amor é o maior sentimento que no mundo existe. E' ainda de maior importancia que a vida humana, porque esta é mortal e o Amor é eterno. E' a parte material de que se compõe a alma; o que nós, creaturas humanas, temos de origem divina, o que em cada mortal vive e se eterniza, mesmo quando toda a matéria deixa de existir. O Amor é a origem de todo o bem, o fermento, enfim, de que necessita o pão da vida.

A humanidade tende para a perfeição. Todo o homem que não vive em vão, busca em maior ou menor grau a eliminação do mal e o desenvolvimento do bem na sua natureza.

Para isso ensaia muitos systemas. Certo é que se engana muitas vezes, porque o que faz é um estudo do processo de eliminação. Desarreigará de si, um a um, todos os seus vícios, chegando, por fim, a obter a pureza; obrigar-se-ha á temperança, jurando não fumar, fazendo proposito de não pronunciar juramentos, de não jogar, de ser honrado nas suas relações com os seus semelhantes e de aborrecer a inveja; porem, antes de ter arrojado de si o primeiro vicio, já outro haverá occupado o lugar do que foi despedido. E' que ha alguma coisa de defeituoso no nosso fundo; e ainda que o homem ensaie o processo da inducção, e adquira virtudes e queira instalar em si a base da honra, alimentando-a e tratando-a como a creança amimada, tudo

cahirá, tudo morrerá, porque essa honra não chega a arreigar-se, visto que o defeito é interno, está no fundo, no coração das coisas. De tudo isto devemos deduzir que o terreno é mau e necessita de um fertilizador. Este fertilizador não póde ser senão o Amor.

Na proporção em que nos entregamos ás divinas leis do Amor, chegamos a unificar-nos com Deus e progredimos para a realisação d'aquellas concepções divinas e perfeitas que devem ser a aspiração de toda a intelligencia clara. A imaginação que pensa com clareza e que penetra no intimo das coisas, descobre que todos os caminhos que conduzem ao bem, partem do Amor e para elle se dirigem. E' o segredo da felicidade proclamado em altas vezes; tão palpavel, tão evidente, tão proximo dos nossos olhos, que o afan com que procuramos faz com que a não vejamos.

Desde muito novos começamos a perseguição, a caça á felicidade, e a velhice encontra-nos percorrendo, arquejantes, não o caminho verdadeiro, mas outro em sentido contrario. Seguimos um rastro falso, porque julgamos encontrar o que buscamos, na fama, na fortuna, no favor da sociedade, na alta dos fundos, nas colheitas abundantes, na descoberta de novos mineraes. Mas quando a novidade d'essas coisas passa, é que vemos a sua futilidade, o falso brilho que teem, apresentando-se com felicidade, que logo se desgasta como os objectos que são cobertos de uma ligeira camada d'ouro.

O Exército Franceez



Uma carga da infantaria franceza

Envolvido nas carnificinas das batalhas, o exército franceez, a cujo heroismo está a estas horas confiada a sorte da França, é acoomanhado de longe pelas vehementes sympathias dos povos latinos da America. Menos brilhante nas formaturas e paradas do que os exercitos germanicos e anglo-saxonicos, o exército franceez é, nos combates, o mais

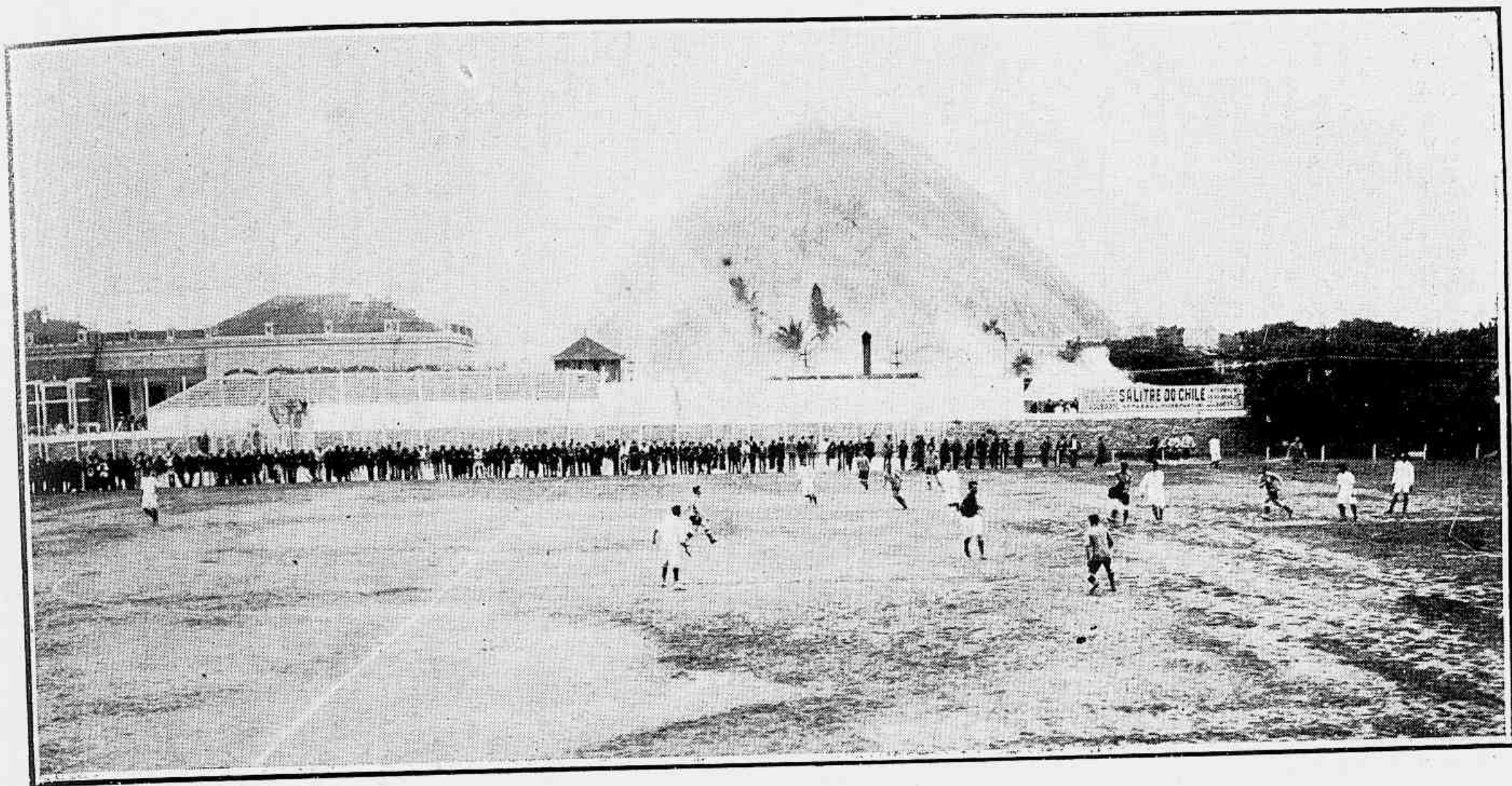
intrepido e impetuoso instrumento de luta, quando manejado por chefe superior e prestigioso.

Na guerra actual, as armas francezas ainda não tiveram ensejo para accrescentar aos fastos guerreiros da França novos e assignalados feitos. Mas na victoria como no revez o seu heroismo não soffre eclipses.



Tropa em serviço de exploração — Os cyclistas

⌘ Semana Sportiva



Aspecto do jogo no campo do Botafogo, na tarde do dia 20, por ocasião do encontro do team do Flamengo e Botafogo com a esquadra italiana

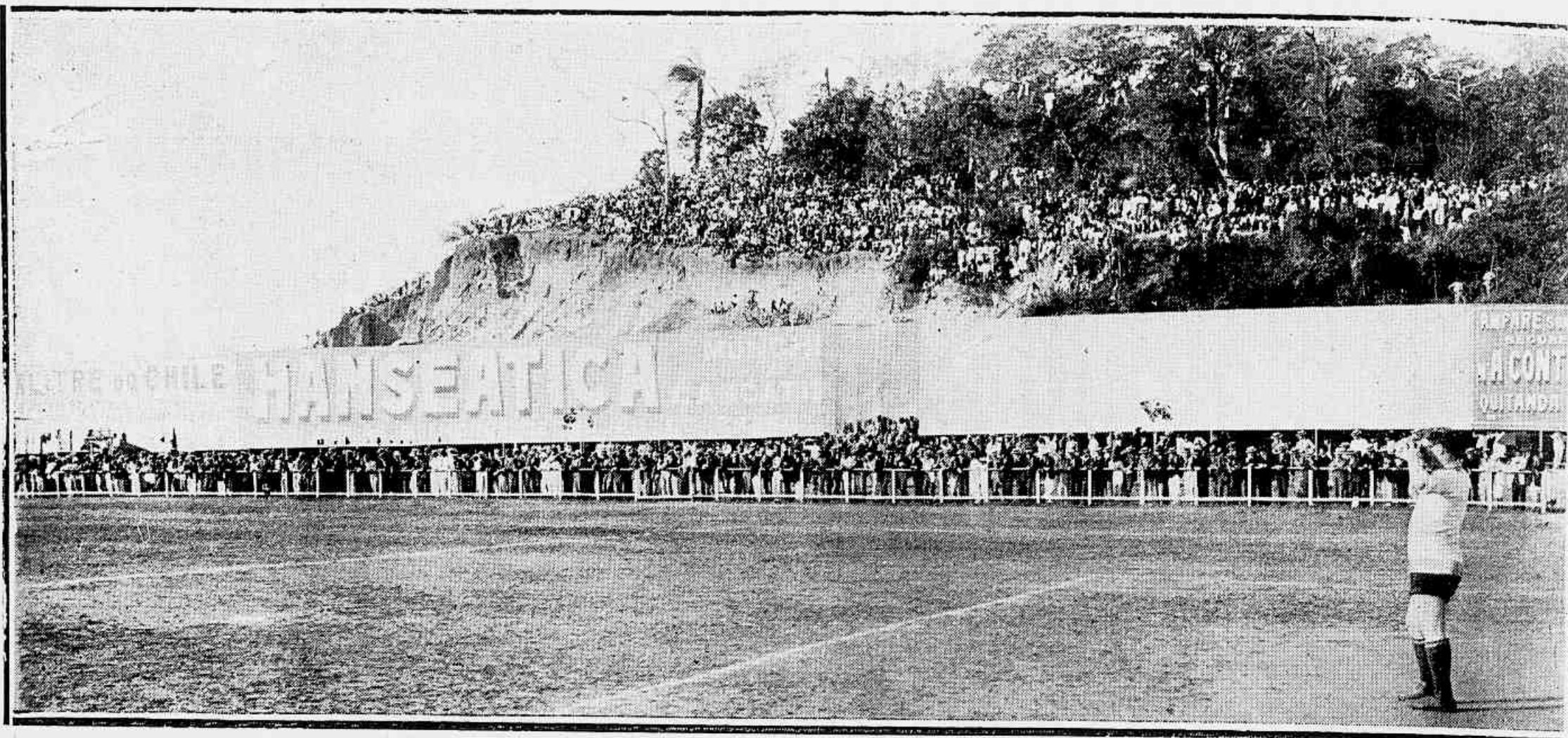
Estiveram n'esta cidade, onde jogaram uma serie de 3 "matches" com os cariocas os "foot-balers" italianos da "Squadra Representativa". Sua estadia aqui, póde-se dizer que redundou para elles em uma formidavel victoria, pois conseguiram derrotar o combinado do Fluminense e America e empatar com o combinado Botafogo-Flamengo e

com o "scratch" carioca que já teve a gloria de vencer os Corinthians.

Sirva isso de exemplo á Liga para que faça treinar seus jogadores sempre que elles tenham que disputar algum "match" com "foot-balers" estrangeiros. Por falta de ensaio não conseguiram vencer os italianos que não são inviolaveis



Team brasileiro, Flamengo e Botafogo, que jogou contra a esquadra italiana no dia 20 do corrente



Um aspecto do campo do "America F. C." durante o jogo de sabbado entre o team carioca e a esquadra italiana

E veja-se agora o contraste que vae entre os nossos jogadores e os paulistas. Em S. Paulo os italianos jogaram 5 "matches" tendo sido derrotados 3 vezes e empatado 2; e tudo isso porque lá se leva a serio o "foot-ball" e os jogadores entram em campo perfeitamente treinados. E' preciso que a nossa Liga se convença que, por melhores que sejam os nossos jogadores, jámais poderão aspirar qualquer victoria se elles não trenarem algumas vezes. E' o que todos sentem e a Liga não comprehende.

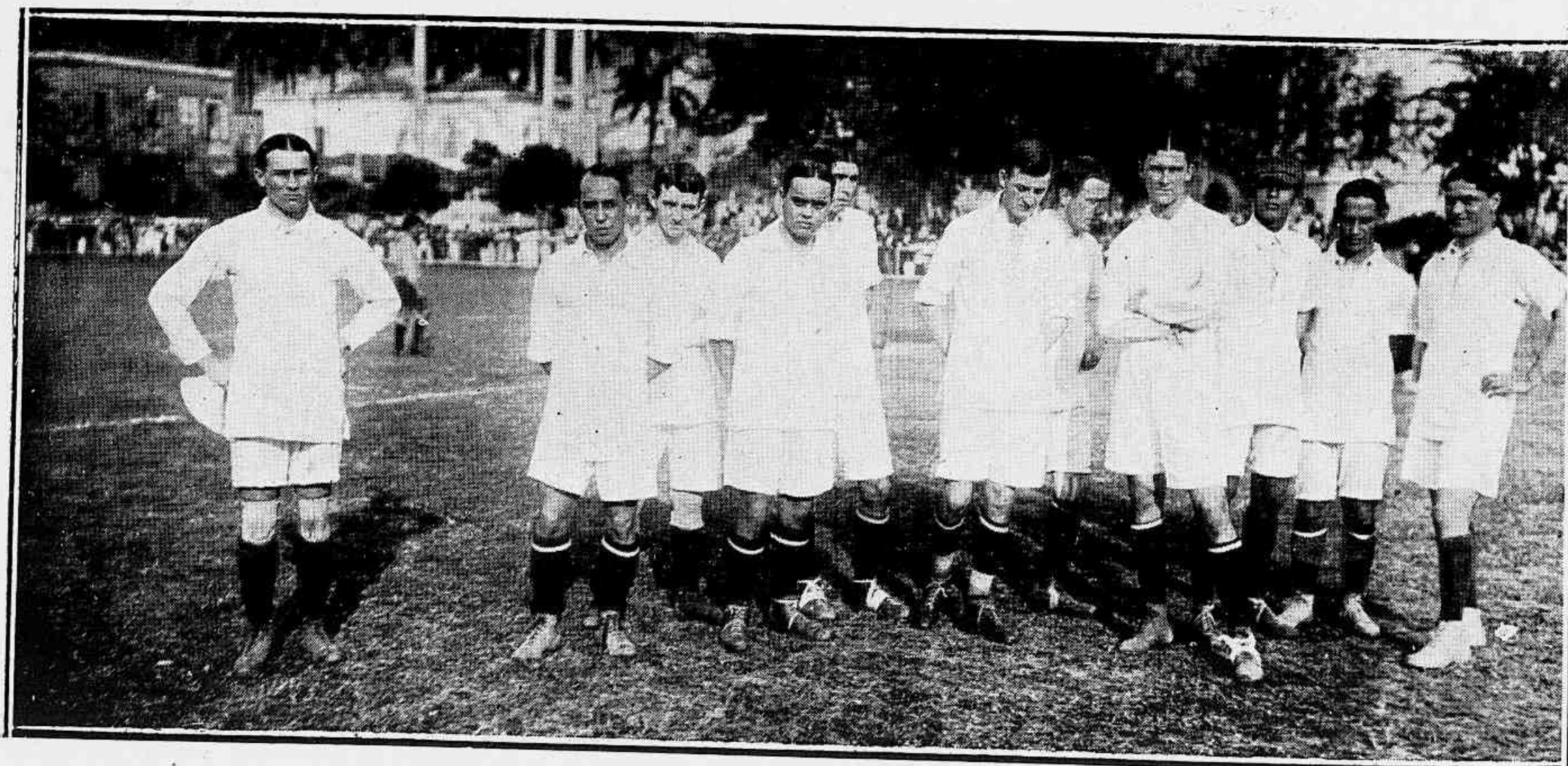
O primeiro jogo realisado aqui foi o dos italianos "versus" combinado Botafogo-Flamengo. Este "match" que correu todo elle frio e sem enthusiasmo não conseguiu despertar na diminuta assistencia o menor interesse e terminou por um empate de 1 a 1.

No segundo encontro os italianos, tendo melhorado muito o seu jogo, conseguiram derrotar o combinado Fluminense-America pelo elevado "score" de 4 a 1.

No domingo jogaram os italianos contra o "scratch" carioca. Este jogo que foi uma grande decepção para todos os que de positamsua esperança no valor do nosso "scratch", terminou por um



O team carioca que jogou no "America F. C." contra os italianos



O scratch carioca, que jogou no campo Fluminense contra a esquadra italiana

A TAÇA RIO-S.PAULO

(REMINISCÊNCIAS DO ÚLTIMO ENCONTRO)

Lulu jogou com a camisa de Mimi.

Em compensação Mimi jogou com a camisa de Lulu.

Uns não viram nada, outros viram tudo.

Hugo só tinha fregoa para compor a cabellera.

A jocosidade de Orlando.

A saupresse de Sydney começou a preocupar vivamente a L.M.S.A.

O goal do Rio.

Guillo pareceu-nos extremamente guloso...

...e Decio cannibal.

-Tanto dinheiro, tanta gente, tanta energia e afinal, filha, deixam aquilo empatado...

Felizmente foram os nossos backs simplesmente impenetráveis.

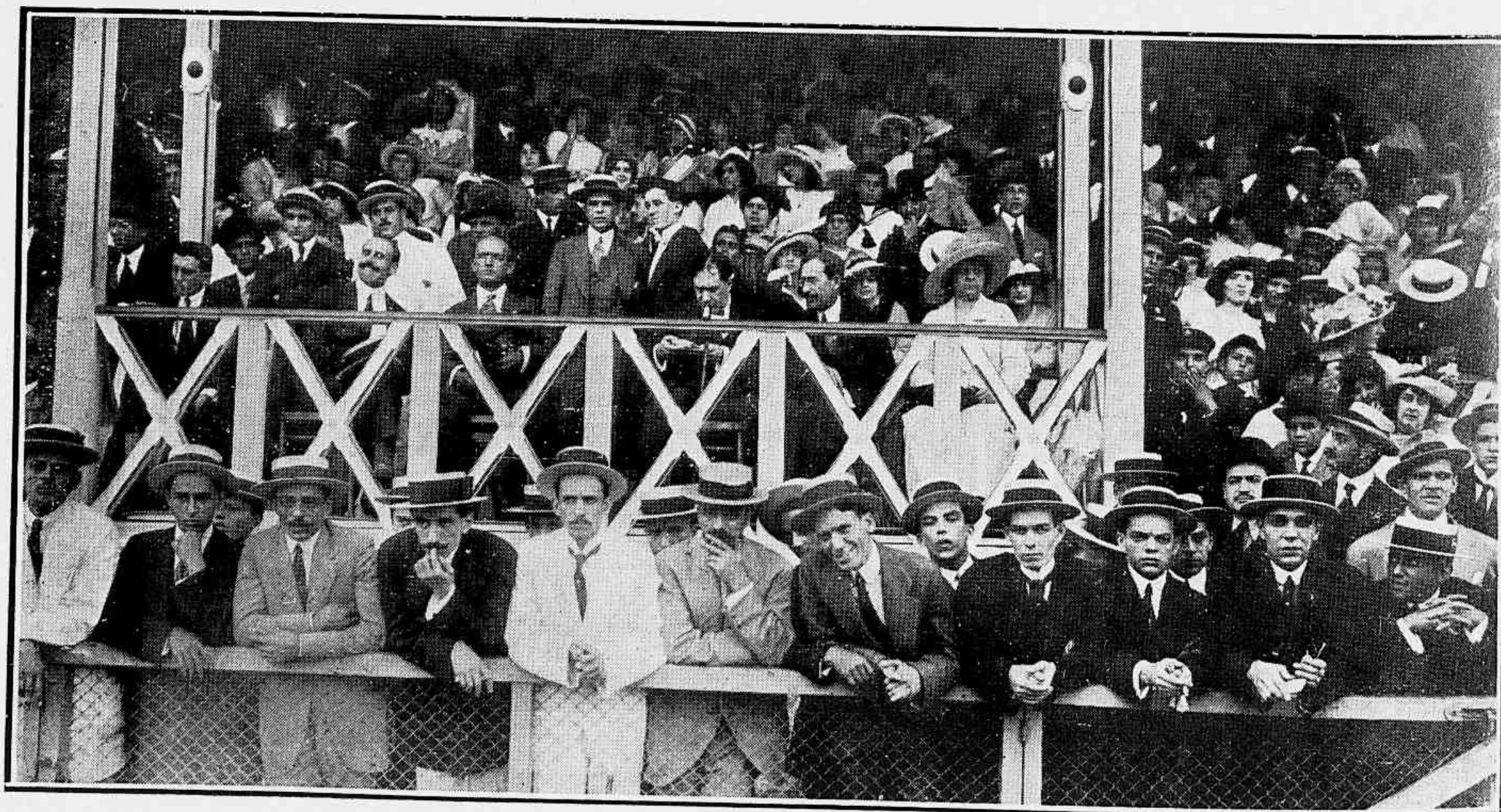
Quem finalmente ficou com as taças.



1, 2 e 3 — Algumas das espectadoras do match jogado no Fluminense entre o scratch carioca e a esquadra italiana. 4—A esquadra italiana.

empate de 1 a 1, facto esse absolutamente inesperado. A nossa linha de frente, que estava em um dos seus peores dias, absolutamente nada fez, não correspondendo, assim, aos esforços da defesa que realmente muito trabalhou.

E assim regressam os italianos á sua patria com a gloria de não terem sido derrotados no Rio de Janeiro...



Um aspecto da archibancada do Fluminense

CONTO DA REVISTA

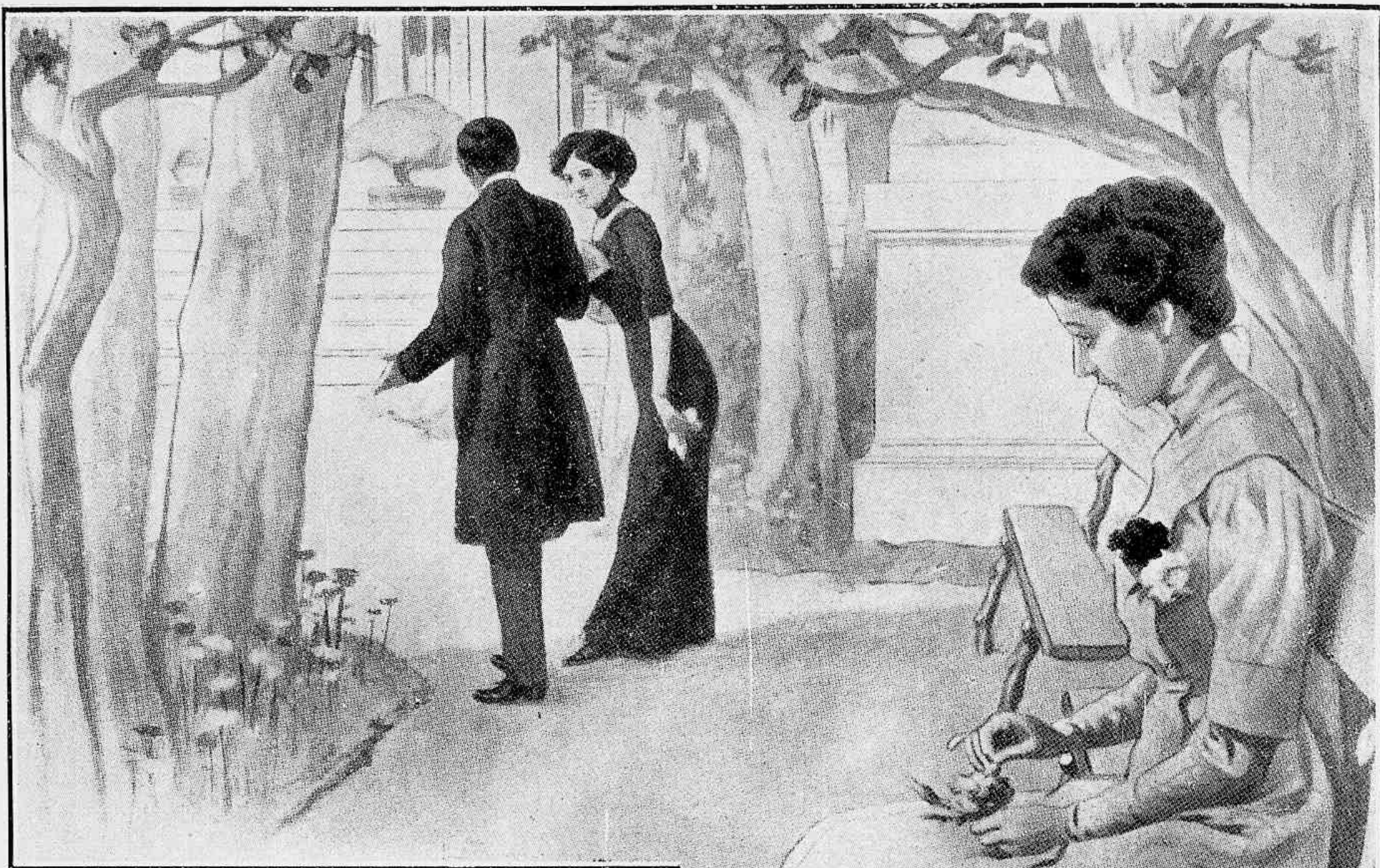
EXPIANDO A CULPA



Um dragão magnificamente trabalhado em pedra, jorrava água pela bocca, água que cahia cantando, n'uma melopeia constante, sobre uns dos tanques que, se viam ao fundo da alameda. O luar

coava-se através da copa do arvoredo batendo a sorrir nos rostos, afogueados pelo cansaço, dos moços e das moças que, assim em grupo, procurava divertir-se n'essa bella noite de primavera.

A' direita, via-se uma escadaria toda em mármore e parte de uma das janellas da casa, de onde sahiam os accordes harmoniosos de uma valsa. Do grupo juvenil sahiam risadas e exclamações de felicidade radiante. Mirto sentia-se venturoso, talvez mais do que ninguém. Não ignorava que possuia um typo insinuante, de farta cabelleira negra e olhos grandes e expressivos que lhe davam um certo ar de sonhador. Tudo quanto dizia era dirigido ao coração de Albina que o escutava, reclinada um pouco para traz, marcando n'essa posição indolente os contornos dos seios breves e o pé pequenino e elegante. Com o seu vestido vaporoso que mal a vestia era uma provocação constante, a chamma que ateava incendios no coração de todos os moços que se sentiam arrastados pela sua belleza. Entre elles e no numero dos mais atrevidos e ardentes encontrava-se Mirto. Os outros rapazes, e as outras moças, em volta d'elle e da sua deidade, simulavam figuras episodicas, como as que nós estamos acostumados a vêr nos pedestaes de certas estatuas:— a irrequieta Fanny, de vestido branco com seus olhos de boneca e cabelo louro, a arrogante Dorá de formas opulentas, de cara redonda de camponesa que apertava, de quando em quando, entre dentes os labios sensuaes. Daniela, que coxeando um pouco, ficára um pouco retirada do grupo, na sua eterna timidez que a levava sempre a não saber



onde havia de ter as mãos quando se encontrava deante de gente.

Fanny, saltitando alegre, exclamou de subito:

— Vamos abrir as torneiras do lago grande?

Albina acceitou o alvitre com um sorrisinho de altivez, e o vestido negro que a tornava ainda mais graciosa desenhou-se sobre o marmore branco da escadaria mal o grupo se pôz em debandada.

Sorriu na mancha sangrenta dos labios e na palidez do seu rosto moreno.

— Não vem, Alvaro?

— Não, Albina, não vou.

Desappareceram todos sob a abobada de verdura que seguia até aos tanques, lá no fundo. Daniela, porém, parou indecisa sem saber se deveria ir ou não ir tambem. Feria-a intimamente a alegria effusiva d'aquellas mulheres e confessava-se inferior porque não tinha a côrte de um só de esses tantos homens que se curvavam reverentes defronte das outras dirigindo-lhes galanteios. Amára muito Alvaro mas um dia por um capricho de mulher, injustificavel como tantos outros, preferiu a esse amor o *flirt* de quem não a soubera merecer e dentro em breve a aborrecera.

Alvaro amara-a tambem muito mas o seu amor proprio sentindo-se ferido exigiu-lhe o proprio amor em sacrificio e afastou-se de Daniela. Afastou-se não; deixou de lhe tributar o seu affecto. E quanto mais se mostrava frio e reservado mais ella reconhecia o erro em que cahira deixando-se levar pela phantasia, trocando um affecto seguro por um *flirt* de duvidosas consequencias. Sentia despertar em si toda a sua afeição antiga e agora — quem sabe? — talvez com maior violencia!

E era esse mesmo Alvaro que ella via n'esse momento deante d'ella, n'aquelle logar, áquella hora, á luz do luar...

Alvaro, em profunda meditação, não deu, porém, pela presença de Daniela senão quando lançou fóra o cigarro que estava fumando e olhou em volta.

— Ah, a Daniela não foi? Pensava que tinham

ido todos! Perdôe-me de ter estado com as costas voltadas. Já viu o repuxo do lago?

— Não, ainda não.

— E' interessante. N'esse caso, porque não foi?

Ella ignorava o que responder-lhe a tal pergunta, córou, e Alvaro sorriu para si.

— Sou um indiscreto. Não devia ter ficado aqui junto de si...

Córou ainda mais ouvindo estas palavras e perguntou perturbada:

— Porque? Que pensou?

— Nada, não pensei nada. Creio apenas que

o meu amigo José não estará, n'este momento, muito divertido a vêr os lagos...

— José ? Pois crê que o José ?...

Intimamente sentiu uma grande ventura por aquella suspeita de a julgarem amada por alguém. E explicou ingenuamente :

— Não, José é meu primo, não o namoro. Não namoro ninguém...

— Ninguém ?

— Sim, não sou como Albina que se sente amada por todos...

Elle respondeu friamente:

— Mas é formosa.

— Como uma estatua que tivesse dentro uma vibora.

— Por Deus, Alvaro !

Alvaro atalhou com ternura :

— Daniela é meiga e para si isto deve parecer um impossivel ,uma heresia grave, mas é assim mesmo.

Sentiu-se estalar a areia do jardim sob os passos lentos de alguém. Albina e Mirto, em ar de confidencias, tinham-se sentado, um pouco mais além, por debaixo de uma magnolia em flor.

Havia por todo o jardim um rumor de fontes casando-se com o aroma das flores n 'uma uncção espiritual propria para inspirar poetas.

Alvaro, approximando-se de Daniel, dizia-lhe ainda baixinho como que falando comsigo mesmo:

— Ah, se ella tivesse uma alma como a sua !

E Daniela ferida no coração, perturbada, commovida, sentia roçar por si aquella voz acariciadora como se tornasse a ouvir de Alvaro uma declaração de amor.

— Sentir-se inundado de ternura, saber que não ha dentro do cerebro de uma mulher a lembrança de outros amores, que o carinho de hoje não luta com os phantasmas dos que viveram hontem, que as nossas palavras de amor não fazem recordar a essa mulher palavras semelhantes ou até mesmo eguaes ditas por outro ! O que casar comsigo, Daniela, será um homem feliz !

Havia um fogo extranho nas palavras de Alvaro e tal calor communicava-se a Daniela que estava toda entregue a uma visão miraculosa.

— Assim o sonhei sempre !

Elle perguntou a medo:

— E' ciumento ?—...

— Ainda e muitissimo..., respondeu elle, de um olhar, d'um gesto, d'uma palavra, de Deus ! Se me fosse possivel mandaria construir um pantheon para os meus amores e collocaria á porta um anjo pedindo silencio com um dedo sobreposto na sua bocca de marmore.

Daniela fitou-o de relance e viu-o pallido. Baixou os olhos sem dizer nada.

— A Daniela não sabe o que é amar alguém que nos foge, que nos dá desamor em troca de carinhos, aspereza em troca de ternura. Ah, a Daniela, sim, seria a unica alma capaz de me entender !

Elle inclinou a cabeça e murmurou cheia de emoção :

— Tambem creio, Alvaro !

Calaram-se. Na alma de Daniela voltaram de novo a voejar as illusões azues, os pezadillos desapareceram de subito, e a recordação dos seus primeiros amores com Alvaro voltaram de rovo a florir com toda a exuberancia enchendo-lhe o peito d'uma alegria festiva. E sem querer accrescentou em voz baixa :

— Havia de ser tão boa para si, tão meiga !

N'isto, da botoeira de Alvaro resvalou e cravo branco que elle trouxera ao peito durante o dia e cahiu aos pés de Daniella que teve um pensamento sentimental.

De entre as flôres que trazia tambem ao peito, tirou um cravo branco como o de Alvaro, e enquanto lhe batia forte o coração, pensava em balbuciar estas palavras :

— Cahiu-lhe o cravo que tinha ao peito.

— Já está secco. Aqui tem este outro.

O offerecimento da sua flor feito por esta forma parecia-lhe correcto. De subito uma voz de mulher chamou por Mirto que se levantou do banco onde estava sentado e seguiu para o lago . Albina ergueu-se tambem e dirigiu-se para a escadaria passando junto de Alvaro e Daniela.

Alvaro, com uma tremenda angustia na voz, reparando n'essa mulher altiva que passava não se conteve sem gritar :

— Albina ! Albina !

E Daniela examinou com tristeza a pallidez profunda que elle tinha ao chamar pela outra com quem seguia agora conversando por uma das alamedas do jardim.

Foi pungente a revelação.

— Porque havia de me ter amor ? Sim, porque ? Não foi eu a culpada abandonando-o outr'ora ? O meu amor voltou, voltou não, que o verdadeiro amor não morre, enquanto que o d'elle...

E ficou um momento, mergulhado na mais profunda meditação ao passo que desfolhava entre os dedos o pobre e lindo cravo branco.

Depois, enquanto se ouvia já distinctamente o ruido alegre das vozes das suas amigas, Daniela affastou-se soluçando cheia de amargura pelo amor que não soubera continuar merecendo, o amor de Alvaro que ella agora tornava a desejar com ardor mas que tinha perdido para sempre por sua propria culpa !...

CANTARES

Nunca digas meu amor
D'esta agua não beberei,
Eu sempre descri d'amor
E bem vêes que me enganei.

Nem tudo o que luz é ouro...
Pois o que em ti me seduz
E' esse cabelo lourô
E' esse cabelo louro
Banhado em ondas de luz.

Quem não pode não promette,
Diz um antigo rifão.
Tu prometteste-me um beijo
E agora dizes que não !

Tem o céu milhões d'estrellas
De cujo cujo brilho se ufana,
Mas nenhuma eguala o brilho
Que dos teus olhos emana.

Eu hei de pedir-te um dia
Licença p'ra te beijar,
Bem sei que não m'o consentes,
Mas quero ver-te córar.

Quando passo ao pé de ti.
Não sei porque , estremeço.
Olho p'ra ti, não te vejo ;
Quero falar-te, emudeço.

F. Fonseca Almeida.

A MODA



COMO NASCEU A ROSA

Gessner põe na bocca do Deus Baccho a seguinte e encantadora narrativa acêrca da forma como a rosa appareceu no mundo :

— Perseguia — diz Baccho — uma nympha formosissima ; a bella fugitiva corria deante de mim, voltando-se zombeteiramente, a cada passo, e troçando da difficuldade que eu tinha em seguil-a, esbarrando constantemente nos obstaculos encontrados no caminho. Não me teria sido possivel apañhar a encantadora nympha, se o vestido, sacudido pelo vento, não fosse prender-se n'uma moita de espinhos.

Contente com o feliz aprisionamento, approximei-me da bella e disse-lhe :

— Não tenhas receio. Eu sou Baccho, o deus do vinho e do prazer, o deus eternamente novo e eternamente apaixonado.

— Então, a nympha baixou os olhos e còrou.

Para significar, eternamente, o meu reconhecimento á planta que deteve a fugitiva, toquei-a com a minha vara magica e ordenei-lhe que se cobrisse de flores, reproduzindo o doce colorido vermelho que cobria as avelludadas faces da nympha.

— Ordenei-o. E foi assim que as rosas nasceram...

E' esta a lenda que, sendo de uma flôr encantadora, não podia deixar de ser encantadora tambem.

Lenda de rosas, lenda de amor...

AS FLORES

As flôres são, como tristes mortaes, susceptíveis de paixões violentas, tendo entre ellas sentimentos de amor ou de odio. Pelo menos, assim o affirma um sabio, e da palavra d'um sabio, ninguem pode duvidar.

Ora pois !

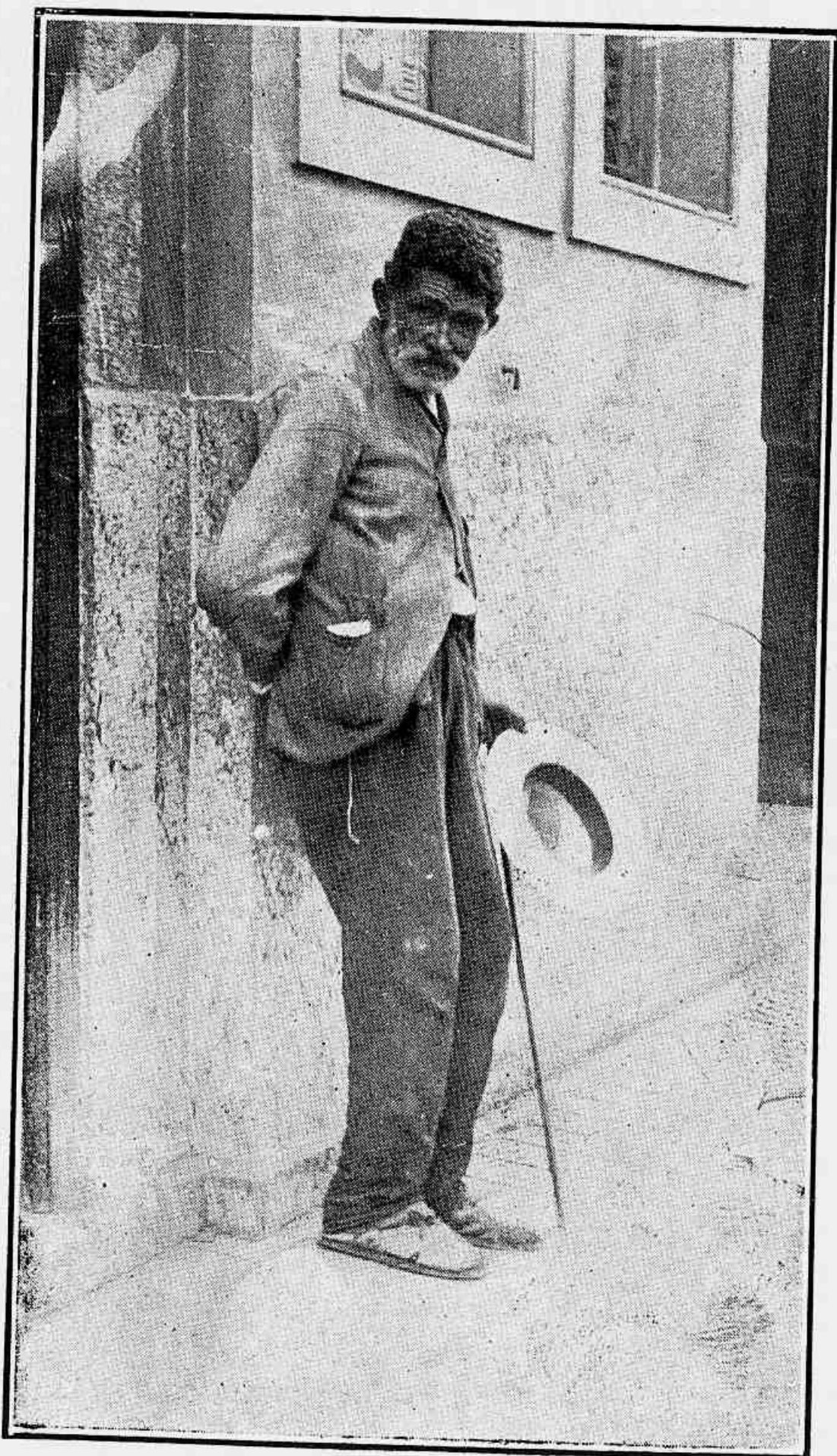
Assim, diz elle, se mettermos n'uma jarra diferentes especies de flôres e, entre estas, uma rosa e um resedá, meia hora depois ambas ellas estão estreitamente ligadas e murchas, ao passo que as outras brilham de graça e de frescura.

Os musgos são ferozes para as outras flôres, que matam impiedosamente.

Ao contrario, os cravos e os heliotropos inspiram-se mutuamente uma vivissima sympathia.

—❧—

O reverso da medalha

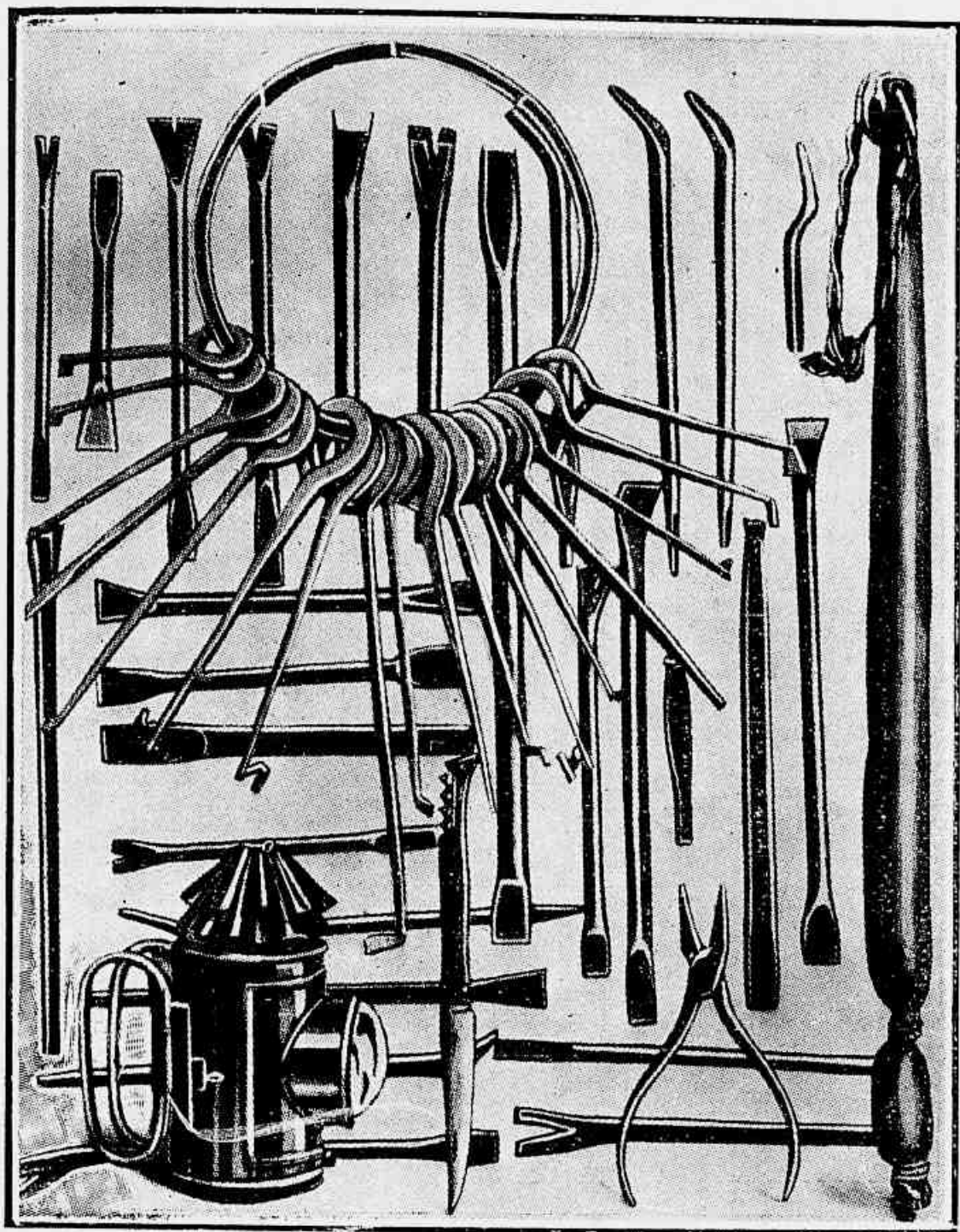


A mendicidade no Rio

OS RATOS DE HOTEL

Foi Jean Lorrain quem se lembrou de chamar *ratos de hotel* a todos os membros de tão illustre confraria...

E, na verdade, esses gatunos são lépidos, desconfiados, expertos, com dentes aguçados, estofo



O "arsenal do "rato de hotel"

de assassinos, que sob o aspecto de homens vestidos com distinção, frequentam hotéis concorridos e praticam depois, dentro d'elles, os roubos mais fructuosos.

Quer de verão ou de inverno sob um terno de tecido leve ou envergando um abafo de peles, o *rato de hotel* procura sempre attenuar as linhas do corpo, vestindo-se de escuro, usa collarinho alto que lhe encobre o pescoço e muitas vezes dispensa os punhos. Usa tambem luvas de côr escura, casaco de agasalho e bello chapéu. E uma vez no retiro socegado do seu quarto troca o seu calçado da rua por uns sapatos de feltro que lhe permitem deslizar de noite, sem ser presentido, ao longo dos corredores do hotel em que vive.

Algumas vezes, veste malha negra ou côr de cinza e traz a cara coberta com uma mascara. Procedem os *ratos* com tanta prudencia e habilidade que é mesmo muito difficil surprehendel-os. Em França, por exemplo, a policia teve denuncia de que Amelia Condemine que usava falsamente o titulo de Condessa de Monteil e outras vezes o nome de Manola, era uma *rata* de hotel perigosissima...

Côte d'Azur era o seu campo de operações. Pois os roubos succediam-se diariamente denotando a intervenção d'essa mulher mas só ao fim de dezeseite annos ella se deixou prender por um descuido inexplicavel! Mas voltemos a falar do *rato de hotel*. O nosso homem apeia-se de um taxi á porta do hotel. Traz consigo umas soberbas malas de fechos

reluzentes que procvocam o cumprimento respeitoso dos porteiros e dos creados e fazem sorrir os patrões que se julgam logo em frente de um milionario. Fala alto e trata o pessoal com um certo desdem aristocratico porque elle sabe bem o effeito que produzem os titulos pomposos sobre as almas simples. Elle é sempre, pelo menos, conde ou possuidor d'um cargo importante..

Pela uma hora da manhã o pseudo diplomata estrangeiro, o antigo secretario de embaixada inicia o seu trabalho sem temer perigos de maior.

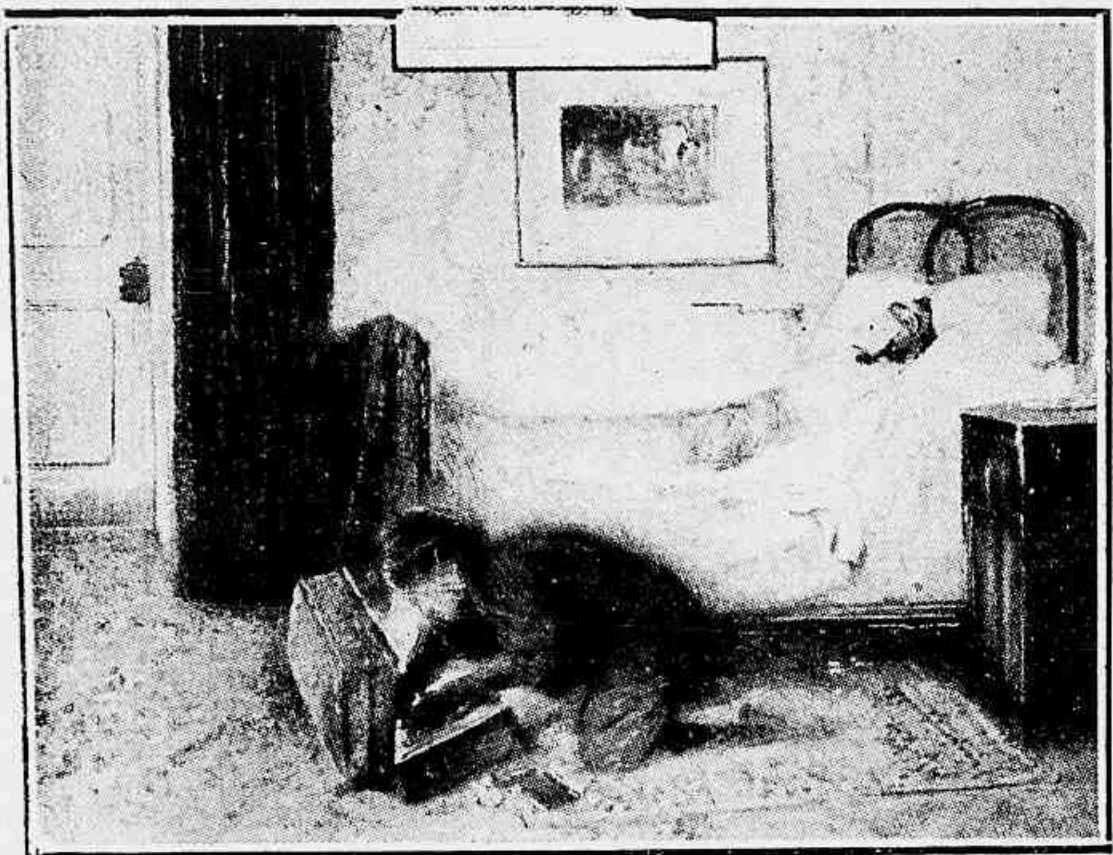
Isto não quer dizer que seja sempre feliz nas suas operações porque não tem sido poucos os momentos em que, surprehendido, se lança de joelhos pedindo mesericordia transformada algumas vezes n'uma serie de pontapés e bofetadas que o deixam n'um feixe.

Os *trucs* empregados pelos *ratos de hotel* são numerosos e -variam segundo a sua coragem. Uns tiram em cêra os moldes das fechaduras, outros espiam o dono do hotel e mal o apanham desprevenido mais aos creados penetram nos quartos dos hospedes. Para isso escolhem quasi sempre a hora do almoço ou de jantar, hora em que os quartos e corredores se encontram quasi desertos. Surprehendem-n'o? Dirá muito simplesmente que se enganou na porta do quarto e tudo ficará como d'antes dada a confiança absoluta que depositam no *gentleman*.

O seu *systema* consiste em operar com rapidez. E' esta a garantia da sua segurança. Urge que elle se informe do que certa mala contem desde que o seu dono a pouza no chão para acender um cigarro até que a retoma ao tirar a primeira fumaça.



Deslizando pelos corredores, todo vestido de negro, entra furtivamente no quarto dos hospedes que pretende roubar



Depois de applicar á victima a mascara de cloroformio começa o seu "trabalho" sem receio

O rato de hotel esconde-se tambem, por varias vezes, debaixo da cama e serve-se de um lenço embebido em chloroformio applicado sobre o rosto da victima, mal esta adormece sem a consciencia do perigo em que está

Começa então a operar com toda a tranquillidade. E o hospede victima, ao acordar, ha-de sentir-se tão mal disposto, tão atordoado, que, ainda que dê pelo roubo feito, ha-de desejar muito mais tratar de si do que ir queixar-se á policia...

TALENTO, ENGENHO E ARTE DOS "RATOS DE HOTEL"

Possuem preciosos dotes de observação rapida e n'um olhar de relance abrangem logo toda a situação. De dia não ha ninguem que se apresente com porte mais correcto e distincto do que elles; esperam pacientemente pelas duas ou trez horas da manhã, hora em que todos repousam no hotel.

Se consegue o seu quarto pegado ao quarto da victima alvejada introduz-lhe pelo buraco da fechadura uma canula applicada a um vaporizador que contamina, dentro em breve, toda a athmosfera com os seus vapores de chloroformio. E não terá mais nada a fazer do que entrar no quarto de quem pretende roubar, procedendo á vontade. Se o quarto fica distante serve-se então de um alicate fino e comprido a que chama *ouistiti* (mico, sagui do Maranhão) com o qual segura a extremidade da chave que está na porta fechada por dentro, corre subtilmente a lingueta e entra nos bicos dos pés, sem ser presentido. A lanterna surda ajudará a pesquisa. Depois do roubo praticado sahirá cautelosamente e fechará a porta, pelo lado de fóra com o auxilio do alicate, como fizera para entrar. Logo de manhã, deixará o hotel e tomará o primeiro trem que o tenha bem afastado d'esse local á hora em que a pobre victima venha a despertar do seu somno de chumbo.

Se, pelo contrario, o rato não conseguiu alcançar um quarto nas vizinhanças do da pessoa escolhida para victima procederá n'esse caso por forma diversa. Tratará de preparar a sua entrada deixando os parafusos que seguram a fechadura dispostos de fôrma a saltarem fóra na occasião propicia, sem fazer ruido pois tudo estará preso com um fio tendente a esse fim. Esta operação é mais perigosa que a primeira visto o rato ter de conduzir o

seu material de guerra e ter de entrar usando de processos mais ou menos violentos.

O material de guerra consta de uma mascara, uma esponja embebida em chloroformio e um pé de cabra. Se ao entrar no quarto da victima esta despertar com o ruido, costuma entrar logo em acção o chloroformio e dentro em breve não haverá nada mais do que uma pessoa dormindo profundamente e outra roubando socegradamente.

A malha e a mascara negra farão com que o rato se occulte nas sombras sem patentear as linhas de contorno. A maneira de agir é quasi sempre sem aggressão, sem violencias exercidas contra pessoas, mas não hesita tambem em chegar a esse extremo quando por qualquer circumstancia lhe falhar o plano preparado.

Veze ha em que, julgando roubar uma mala de mão devidamente recheada, não fazem mais do que roubar aquella que outro rato, collega seu, deixára antes d'isso, em vez da que pertencia á victima... E quando o segundo rato abre a mala e encontra um bilhete insultuoso de outro rato que operara uma troca com toda a habilidade?

A ferramenta, o arsenal dos ratos de hotel não tem complicações.

Pode até constar d'uma simples carteira com uma pinça, um alicate, um pé de cabra, uma lampada electrica, um martello pequenino e algumas chaves, de varios feitios, destinadas a abrir portas sem consentimento dos donos da casa. Os hotéis são os pontos preferidos para a operação d'estes amigos do alheio. Todavia ha um meio muito simples de evitar tudo isso pois consiste na applicação d'uma pequena prancha na fechadura dividindo esta em duas de forma a ser indispensavel a existencia de duas chaves, uma para dentro e outra para fóra, em communicação constante com uma campainha de alarme.

Mas dará resultado? Sim? Não? O certo é que as joias e o dinheiro continuam desaparecendo. Porque os ratos de hotel formam uma especie de seita que jamais terá fim, a despeito de todos os processos de repressão já empregados.



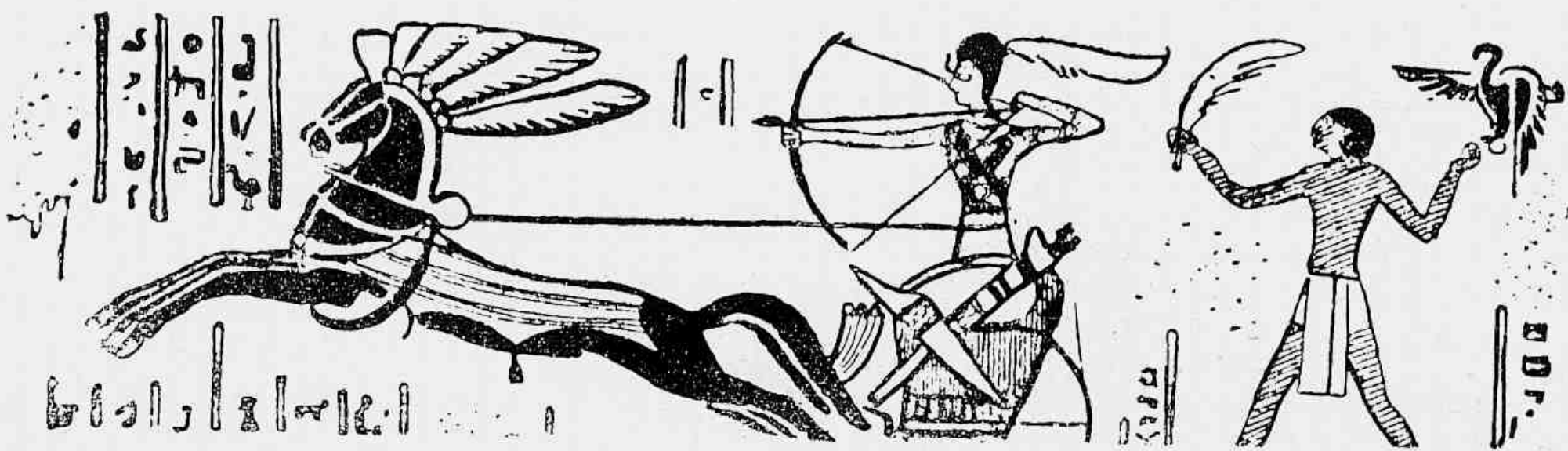
Colhido em flagrante

AS PLUMAS

SEU USO ATRAVEZ DOS SECULOS

A graça heroica e donairoza das plumas não é apreciada apenas pelas elegantes dos grandes centros civilizados nas pampas

monotonas do extremo sul da America, nas montanhas geladas do Canadá, nas florestas do centro da Africa e nas ilhas perdidas na immensidão da Oceania, ella é igualmente preciosa até como symbolo. E entre as raças ferozes do Pacifico é o emblema da realeza, entre os Patagonios representa o prestigio masculino (só os homens podem usal-a), para os Pelles Ver-



as plumas. Domiciano só utilisou as avestruzes nos jogos do circo, massacrando-as; Heliogabalo fez mais, comeu-as. Ficou famoso um festim em que elle offe-

receu pasteis de cerebros de avestruz. Mas na idade Media as plumas foram adoptadas como emblema dos cavalleiros, que tomaram essa moda aos Saracenos, que iam combater na Terra Santa.

Era então a pluma reservada exclusivamente aos homens. Mas logo depois em Venesa e Genova as mu-

lheres se apoderaram da pluma — como se tem apoderado de tudo quanto os homens pretendem reservar para si. Catharina de Medicis foi a primeira mulher que usou plumas. Essa pequenina evolução feminina não tirou à pluma o seu character heroico pois que até hoje de plumas brancas são os emblemas dos almirantes e generaes, recordando o pennacho que Henrique IV indicou a um seu soldado como guião na batalha de Ivry. São também fa-



melhas indica o guerreiro e entre os negros musulmanos seu uso só é permittido como trophéo áquelle que já matou um branco.

O seu uso data de tempos immemoraveis. A pluma mais especial, a pluma de avestruz — tem sua nobreza e sua historia. O passaro-camello, como o chamam os antigos — foi sempre o fornecedor das pompas imperiaes e guerreiras.

Os baixo-relevos de Suza e de Ninive as pinturas de Memphis e de Thebas-Hecatompyla mostram que já antes do seculo VII, antes de Christo, — isto é ha mais de 2700 annos — já os guerreiros e os cavallos de apparato usavam plumas. Os Pharãos andavam cercados de flambelarios, que agitavam leques de plumas, como ainda hoje se usa na India e na Abyssinia e no Vaticano — herdeiro da pompa oriental de Byzancio.

Roma imperial desprezou



mosas as plumas da Grande Demoiselle, que disparou canhões em revolta contra o rei de França.

Depois, a França nunca deixou de dictar a lei da moda ao mundo e as plumas nunca perderam a voga. Na cõrte de Maria Antonieta os penteados tinham palmo e meio de altura, cobertos de plumas

e durante a Revolução milhares de homens, dos deputados aos generaes, todos usavam plumas e a moda proseguiu sob Napoleão com os penachos colossaes dos granadeiros.

Hoje a voga das plumas é tal que ameaça acabar com as avestruzes.

CASAMENTO DE AMOR

Um sabio italiano deu-se ao trabalho de perguntar a noventa e cinco senhoras, suas compatriotas, que estavam para casar, porque é que... se casavam! Como a pergunta era toda scientifica, o curioso sabio fazia-a de modo que as noivas não se zangassem, antes respondessem com exactidão. Assim, do seu inquerito, recolheu o seguinte:

Cinco responderam — para podermos sahir sós; dez — para irmos aos bailes e aos theatros; sete — para viajarmos; sessenta e uma — para termos a nossa casa e... podermos fazer o que quizermos; tres — para sabermos o que é casar; quatro — para acautellarmos o futuro; cinco — para nos divertirmos.

Nem uma só fallou em amor, o que levou o curioso philosopho a concluir que as mulhers modernas não fórmam do casamento a mais pequena ideia... Casam-se... para se casarem. Isto é, em Italia. Por cá, as nossas leitoras que respondam...

FLOR DO MAL

Eu tenho dentro n'alma uma flor venenosa,
De sangrenta corolla e perfume lethal,
Que, subito, abrolho da semente amargosa
Dêsse meu pessimismo e convicção no mal!

Flôr que murcha a illusão, mata o bem quese goza
E causa um padecer todo espirital!
Flor do tedio da vida, — ensaguentada rosa
Da alma de Baudelaire, Anto Nobre e Quental!

Muita vez, aspirando o seu perfido aroma,
Uma tortura intensa o coração me toma
E antegozo a volupia estranha de morrer!

Para que ainda eu frúa alguns dias felizes,
Quem pudêra arrancar as multiplas raizes
Que essa planta de dor aprofunda em meu ser?

Raul Machado.

O RECORD DO CHARUTO

Seis desoccupados, membros de um grande club parisiense fizeram ultimamente uma experiencia sobre o tempo que pôde durar a combustão de um charuto, tendo accendido ao mesmo tempo outros tantos bons charutos escolhidos da mesma caixa. Ao fim de meia hora, um dos fumadores tinha completamente consumido o seu charuto, tendo os dois outro finalizados os seus uns minutos depois. Os tres ultimos concorrentes conservaram os charutos accêsos durante uma hora; mas um d'estes renunciou a acabar de fumar o seu, depois de se ter queimado nos labios, ao fim de 72 minutos. A um dos dois restantes fumadores e depois de duas horas dez minutos de persistencia, o charuto apagou-se.

Finalmente o campeão d'este *match* excentrico e proprio de ociosos clubistas, como elles eram, fumou, ainda durante sete minutos; batendo em duas horas e dezesete minutos exactos o *record* do charuto.

O TEU OLHAR

Viver sem ti, amor, não é viver,
E' ter o coração sempre enlutado,
E' gosar uma dôr que faz soffrer
E sonhar um futuro illuminado.

E' possuir dois olhos para vêr
E parecer um cégo desgraçado
Que não pôde nem sabe descrever
O mar azul do ceu e o sol doirado.

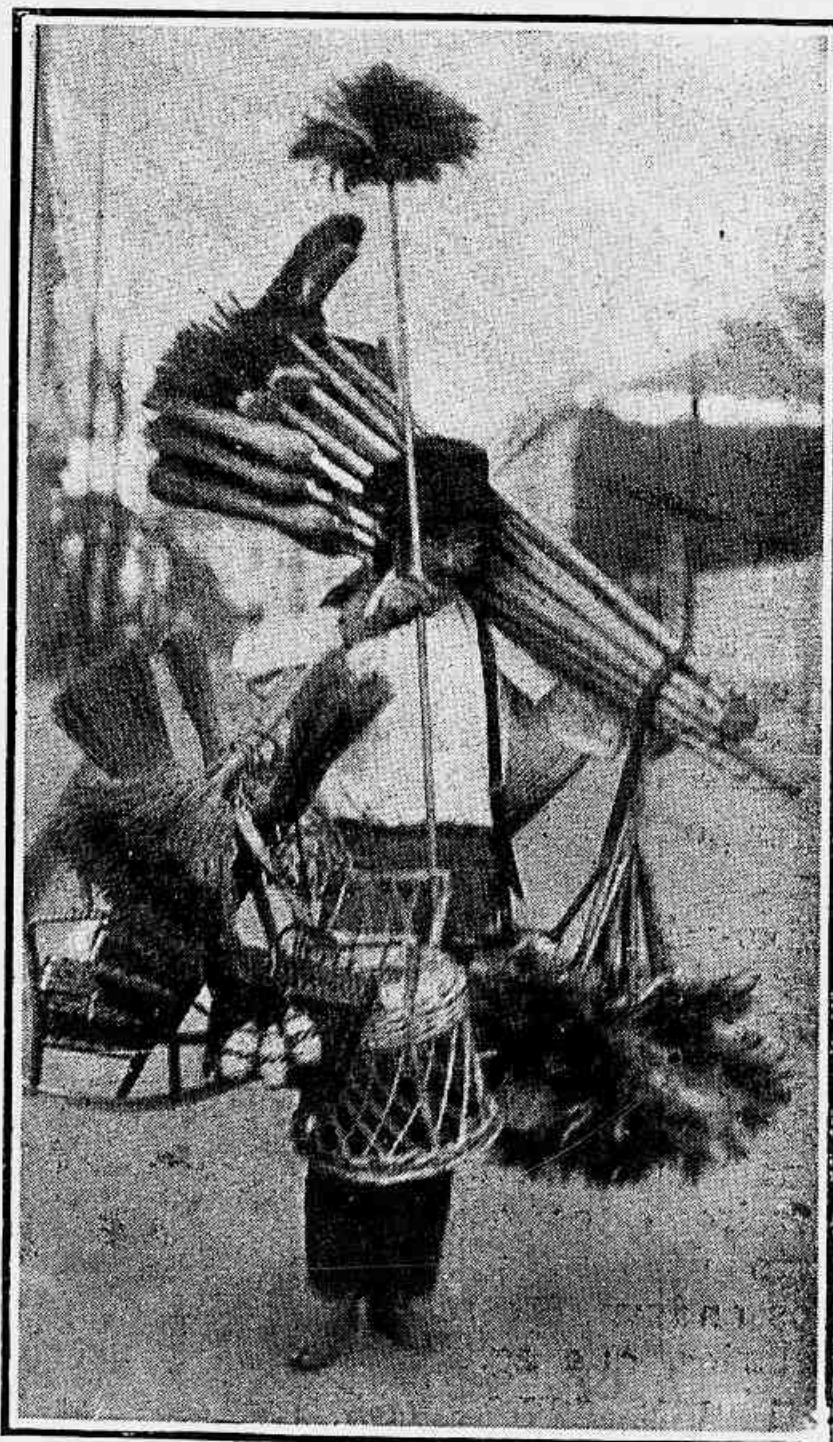
Viver sem ti é, meu grande amor,
Andar por este mundo sem amparo
Como rosas fanadas já sem côr

Em que não fazem o menor reparo,
Eu amo em ti o magicc primor
Do teu profundo olhar formoso e raro!

Rio, 18 de Agosto de 1914

AKBAR DA SILVA

Typos populares do Rio



Vendedor ambulante de vassouras

A RIO DE JANEIRO



Da direita para a esquerda: Sr. Antonio Leitão membro do conselho fiscal; sr. coronel Adolpho da Fontoura Freitas, importante capitalista em Porto Alegre; Manuel Jose da Guia Ferreira, presidente e chefe da firma Guia Ferreira & Athayde; D. Philomena Tavora, nossa collega da "Gazeta de Noticias"; dr. Bernard o Jacintho da Veiga, advogado d'"A Rio de Janeiro"; João Rodrigues Coelho, nosso collega do "Correio da Noite", e Antonio de Almeida, considerado capitalista da praça e mutualista d'"A Rio de Janeiro".

Realizou-se no sabbado, 22 do corrente, ás 4 horas da tarde, o segundo sorteio da secção predial da tão importante, quão considerada sociedade de auxilios e peculios por mutualidade, secção peculio predial, cujo nome encina estas linhas.

A' sessão compareceram muitas pessoas, entre as quaes viam-se senhoras, mutualistas e representantes da imprensa.

A sessão foi aberta e presidida pelo Sr. Manuel José da Guia Ferreira, que depois de agradecer o concurso de todas as pessoas presentes convidou para presidir o Sr. João Rodrigues Coelho, nosso collega do *Correio da Noite*, que convidou para servir de seus secretarios os Srs. Antonio de Almeida e Dr. Bernardo Jacintho da Veiga.

O Sr. Presidente convidou a Sra. D. Philomena Tavora, nossa collega da *Gazeta de Noticias*, para collocar as espheras na urna, sendo convidado o Sr. Coronel J. Adolpho da Fontoura Freitas, conceituado negociante, para retirar o numero premiado, que coube a apolice n. 56, pertencente ao Sr. Carlos Navarro, mutualista, residente nesta Capital.

O Sr. Dr. Carlos Veiga, conhecido clinico e director geral d'"A Rio de Janeiro", pediu a palavra e agradeceu a presenca de todos os assistentes e dos representantes da imprensa.

Findo o sorteio a directoria offereceu aos assistentes finissimos doces, sendo ao "champagne" levantados diversos brindes.

O Sr. Antonio Carneiro de Vasconcellos, director gerente e o organizador deste projecto de sorteio, tão garantido e unico no Brasil, foi muito abraçado e felicitado e bem assim todos os seus dignos collegas de directoria.

Instituto de Madame Selda Potocka

(Especialista diplomada)

111 - RUA FAYSANDÚ - 111

Tratamentos da pelle e do cabello pela electricidade e pela luz—Massagens electricas e vibratorias—Extracção radical dos pêlos do rosto por um novo processo sem dôr—Banhos sulfurosos (doenças da pelle)—Banhos hydro-electricos (fortalecimento dos tecidos)—Banhos de Baden-Nauheim (reducção da gordura e tonificação do estomago).

O Instituto de Madame Selda Potocka, no Rio de Janeiro, é a reproducção exacta e completa dos seus Institutos de Lisboa (Rua da Emenda) e de Londres (Harewood Place, 2).

CONSULTAS DAS 9 DA MANHÃ A'S 5 DA TARDE



Elles se ajustam instantaneamente a todo e qualquer movimento ou posição, evitando a tensão das roupas e pressão sobre o corpo e assegurando não só

Commodidade Absoluta

como também liberdade de acção e perfeito assentamento das roupas. Sua durabilidade e serviço são assegurados por uma

Garantia Incondicional

Evitae as imitações—todas ellas são inferiores. Verifique com attenção que as palavras "SHIRLEY PRESIDENT" estejam estampadas nas fivelas, a marca identificadora do artigo genuino fabricado e garantido por

The C. A. Edgerton Mfg. Co.

Shirley, Mass., E. U. A.

A VENDA EM TODA A PARTE.

MUITO RUÍDO

não convence. Uma afirmação não é mais digna de fé pelo facto de ser impressa em typo grande e occupar a pagina inteira de um jornal. Mero ruído não convence. Razão, consistencia, e a entonação natural do homem que crê no que diz, são a alma de um argumento. O futuro só se pode julgar pelo passado, dizia Patrick Henry. Se as palavras de um homem são claras e racionais, e a sua reputação está acima de criticismo, sentimo-nos inclinados a crel-o e a collocar os nossos interesses nas suas mãos. Mas, a saúde é uma coisa demasiado preciosa para que se confie a charlatães. As pessoas afflictas com uma enfermidade ambicionam o seu prompto allivio o cura; e assegurar-lhes que se pode ajudal-os sabendo que é impossivel, é injusto. Realizando rigorosamente este facto o

PREPARADO DE WAMPOLE

não foi offerecido ao publico em geral até ter sido devidamente provado em um grande numero de casos das mesmas enfermidades para as quaes é recommendado sem vacillação. Quanto aos seus componentes jamais se guardou segredo. É saboroso como mel e contem uma solução de um extractivo obtido de Figados Puros de Bacalhao, combinado com o Xarope Composto de Hypophosphitos e Extractos de Malt e Cereja Silvestre. É uma mistura medicinal da mais alta efficacia para as Impurezas de Sangue e Affecções da Garganta e dos Pulmões. O Dr. Juan José Soto, Ex-Medico Municipal e Forense da cidade de Havana, diz: "Que desde que conhece e emprega em sua pratica medica o Preparado de Wampole, jamais ha tido que arrepender-se de haver-o prescripto aos seus enfermos como substituto das emulsões de oleo de figado de bacalhao, nos frequentes casos em que este agente é mal tolerado pelos estomagos delicados." Não ha a menor incerteza acerca d'isto. É o fructo da sciencia moderna e jamais desaponta. Effeitos beneficos desde a primeira dose; uma vez usado confia-se sempre n'elle. Evitem-se substitutos que não teem a nossa marca registrada e são perigosos. A venda nas Pharmacias.



A' venda nas drogarias dos Srs. Granado & C., Rodolpho Hess e José Cesar de Mattos & C.. Rio de Janeiro.

Novidade Sensacional

Uma revolução de livraria no Brasil — Uma bibliotheca de obras primas mundiaes por pouco dinheiro

"Collecção de obras primas"

Uma bibliotheca moderna, do mais indiscutivel bom gosto, de volumes impressos em papel biblia, com os retratos dos respectivos autores, com uma fita de seda para marcar a leitura e encader-nados em verdadeiro *chagrin* flexivel, genero inglez, indispensavel em todas as bibliothecas de amadores.

Volumes publicados *A familia Orbelé*, de René Bazin; *O Lyrio Vermelho*, de Anatole France; *O meu tio Benjamin*, de Claude Tillier. Traduções portuguezas muito escriptas. Preço, 5\$000 cada volume. Assignaturas para toda a série com o desconto de 25 a 30 %.—Peçam prospectos ao editor.

CASA A. MOURA
Rua da Quitanda, 114
RIO DE JANEIRO

O funeral da pompa

No começo da estrada
Um pequenito a soluçar caminha;
Vae, de capa encarnada,
A agitar tristemente a campainha.
Abre o prestito, á frente, o irmão mais velho,
Com ares d'infeliz;
Leva uma cruz alçada e um Evangelho,
E uma saia a fingir sobrepeliz.
Tres creancinhas vão
Tirando o carro com sentida magua,
A enxugar, coitaditas! com a mão
Os olhos rasos d'agua!
A pomba vae deitada
Sobre um colchão de folhas setinosas;
Abriga-a uma ramada
Toda feita de pétalas de rosas...
Vão raparigas desfolhando em roda
As flores que despontam no caminho...
E as longas azas, que a encobrem toda
D'uma brancura doce,
Deixam-n'a ir assim, como se fosse
Amortalhada n'um lençol de linho!
No ar perpassa um bando
De rouxinoes, soltando
Uns dolorosos pios!...
Das folhas do arvoredor
Pendem sentidas lagrimas em fios!...
E pelo pinheiral
Murmura o vento, soluçando a medo,
Como quem chora em intimo segredo
Ao vêr passar o triste funeral!

ALBERTO BRAGA.

UMA GRANDE OBRA

O Diccionario das Seis Linguas

Com a pronunção figurada de todos. Poupa a consulta de muitos dictionarios especiaes, pois comprehende
nada menos de

30 DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são :

Francez-allemão
Allemão-francez
Francez-inglez
Inglez-francez
Francez-italiano
Italiano-francez
Francez-hespanhol
Hespanhol-francez
Francez-portuguez
Portuguez-francez

Allemão-inglez
Inglez-allemão
Allemão-italiano
Italiano-allemão
Allemão-hespanhol
Hespanhol-allemão
Allemão-portuguez
Portuguez-allemão
Inglez-italiano
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol
Hespanhol-inglez
Inglez-portuguez
Portuguez-inglez
Italiano-hespanhol
Hespanhol-italiano
Italiano-portuguez
Portuguez-italiano
Hespanhol-portuguez
Portuguez-hespanhol

«Nem só em Portugal, onde foi publicado. mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como *obra nimamente pratica e efficaz*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *diccionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este* que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo.—*Alex Bruns*».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado em carneira. pelo modico preço de 10\$000
Pelo corrzio mais 1000 réis para porte e registro

Pedidos á **Secção Editora**

do

JORNAL DO BRASIL

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 (2º andar)

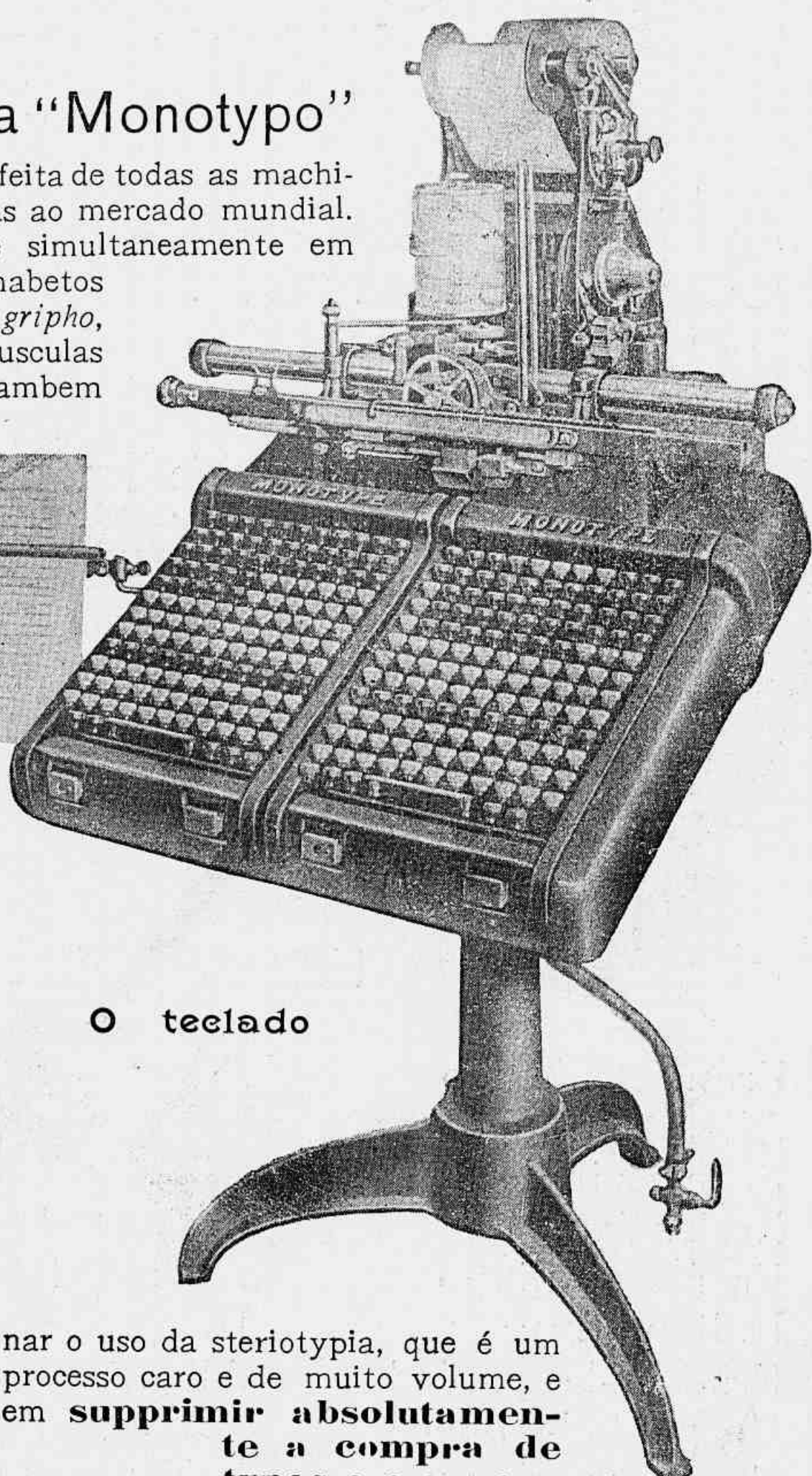
RIO DE JANEIRO

A MONOTYPE

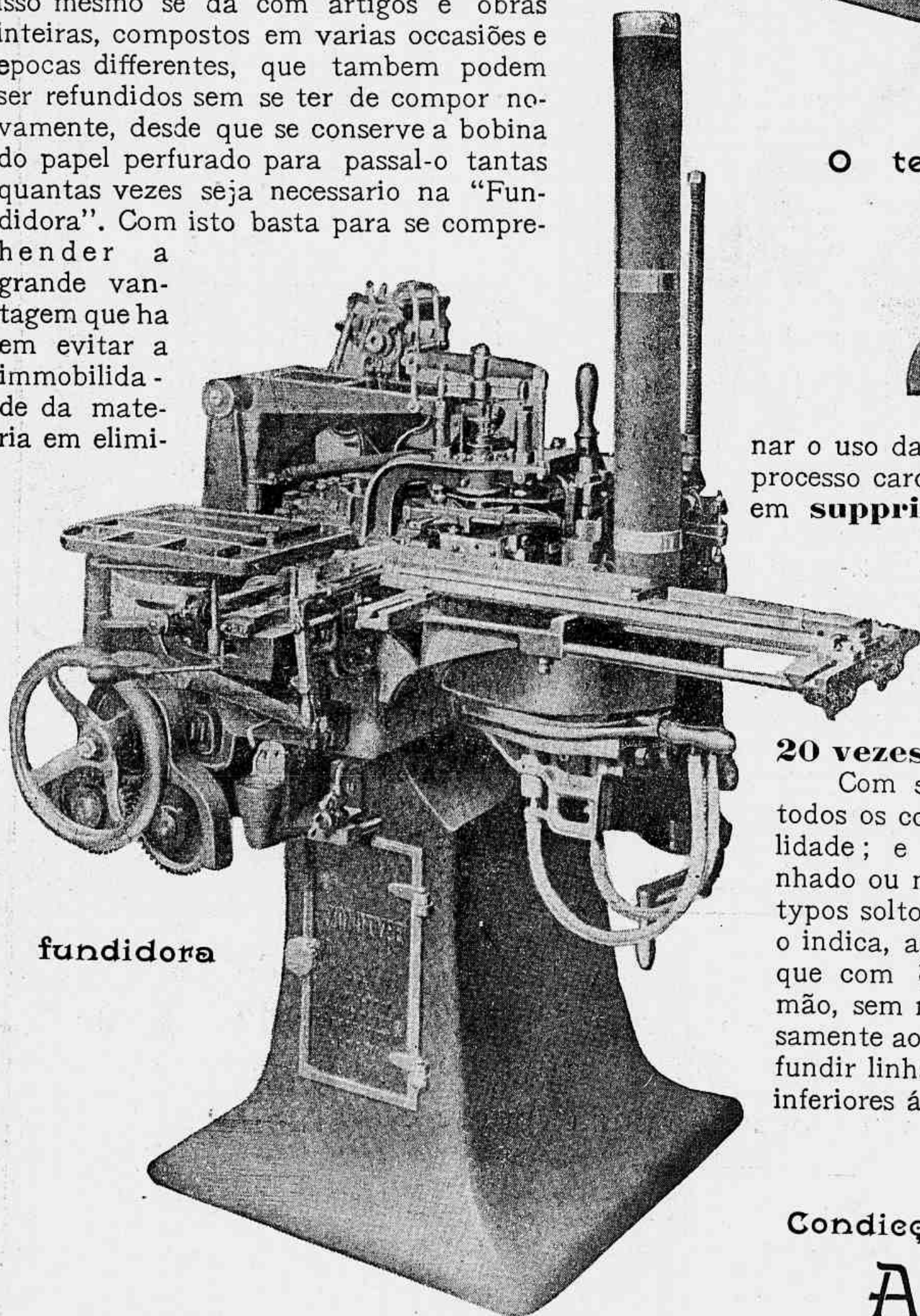
Vantagens da Machina "Monotype"

A MONOTYPE :—E' a mais pratica e a mais perfeita de todas as machinas de compôr que até o presente tem sido apresentadas ao mercado mundial.

A MONOTYPE :—E' a unica machina que põe simultaneamente em funcção 225 matrizes, compreendendo quatro alphabets completos, isto é: redondo (maiúsculas e minúsculas), *gripho*, (maiúsculas e minúsculas), **VERSALETE**, **negrita**, (maiúsculas e minúsculas), cifras, fracções, signaes diversos e tambem pôde servir para compôr adornos complicados e outras vinhetas typographicas, impossiveis de se obter com outra qualquer machina de fundir. Compõe em todos os casos até 40 "ciceros" e faz uma infinidade de composições com extrema facilidade, desde o simples membrete até o raiado de uma escala. Uma lettra, uma palavra, um titulo ou qualquer outra composição, pôde ser repetida ou refundida tantas vezes quantas se desejem, sem necessidade de nova composição, e isso mesmo se dá com artigos e obras inteiras, compostos em varias occasiões e epocas differentes, que tambem podem ser refundidos sem se ter de compor novamente, desde que se conserve a bobina do papel perfurado para passal-o tantas quantas vezes seja necessario na "Fundidora". Com isto basta para se comprehender a grande vantagem que ha em evitar a immobilidade da materia em elimi-



O teclado



fundidora

nar o uso da steriotypia, que é um processo caro e de muito volume, e em **supprimir absolutamente a compra de**

typos e o seu consumo, obtendo-se, em troca, a facilidade de se poder guardar o trabalho por tempo indefinido e com pequeno gasto, pois que a mesma tira de papel perfurado pôde servir de 15 a 20 vezes na fundição.

Com esta machina, fundem-se caracteres em todos os corpos, evitam-se "entrelinhas" com facilidade; e tambem pôde fundir-se corpo entrelinhado ou não. E, como tudo o que é produzido é em typos soltos, como o proprio nome de **Monotype** o indica, as correcções effectuam-se da mesma fórma que com os typos das fundições de composição á mão, sem necessidade de parar a machina, e inversamente ao que succede com as demais machinas de fundir linhas inteiras, tão preconisadas, mas muito inferiores á **Monotype**.

Preço razoavel

Condições de pagamento facilimas

Almeida & Leão

Agentes Geraes da LANSTON MONOTYPE CORPORATION LIMITED
AVENIDA RIO BRANCO 110 E 112

onde se poderá ver a machina e receber todas as explicações.

A REVISTA DA SEMANA é composta em machina Monotype.